

Entre Giras e Batuques: O Marabaixo em Sala de Aula

Dayse Mara Maciel e Silva¹
Ruane de Cássia Alfaia Pantoja²
Dr. Marcos Paulo Torres Pereira³

Resumo: Este estudo aborda os conceitos relacionados aos aspectos da performance do Marabaixo, destacando-o como uma manifestação relevante para o ensino em sala de aula por meio de sua oralitura. A análise da manifestação como literatura partiu de nossa experiência na disciplina no ensino superior, em que aprofundamos as discussões sobre a prática e percebemos o quanto o Marabaixo, como literatura em sala de aula, esteve ausente em nosso ensino básico. Por isso, realizamos uma pesquisa nos documentos educacionais, tais como a Base Nacional Comum Curricular e o Referencial Curricular Amapaense, os quais revelaram a ausência de integração das literaturas afro-brasileiras e afro-amapaenses no campo artístico-literário do Ensino Médio. Dessa maneira, produzimos uma curadoria que apresenta os componentes do Marabaixo como arquivos de memória, resistência e identidade, visando à inclusão dessa literatura em sala de aula por meio de um ensino introdutório, possibilitando que o docente utilize dos arquivos disponibilizados em sua prática pedagógica e que o estudante assimile o Marabaixo de forma significativa. Para tanto, desenvolvemos uma análise a partir dos conceitos de Foucault, Cosson, Martins, Bosi, Pereira e Zumthor.

Palavras-chaves: Marabaixo; Literatura; Identidade; Curadoria; Arquivo Cultural;

Abstract: This study addresses the concepts related to aspects of Marabaixo performance, highlighting it as a relevant manifestation for classroom teaching through its *oralitura*. The analysis of this manifestation as literature stemmed from our experience in a higher education course, where we deepened discussions on the practice and realized how much Marabaixo, as literature in the classroom, had been absent from our basic education. Therefore, we conducted research in educational documents, such as the *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) and the *Referencial Curricular Amapaense* (RCA), which revealed the lack of integration of Afro-Brazilian and Afro-Amapaense literatures within the artistic-literary field of high school. In this way, we produced a curation that presents the components of Marabaixo as archives of memory, resistance, and identity, aiming at the inclusion of

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), campus Marco Zero, e-mail: macieday02@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), campus Marco Zero, e-mail: ruanedecassi5050@gmail.com

³ Doutor em Teoria e História Literária (Universidade Estadual de Campinas). Mestre em Letras (Universidade Federal do Ceará). Especialista em Ensino da Literatura Brasileira (UECE). Graduado em Letras - Língua Portuguesa (UECE). Professor Assistente de Literaturas em Língua Portuguesa (UNIFAP). Coordena o grupo de pesquisas Núcleo de Estudos Pós-coloniais (NePC - UNIFAP). E-mail: marcospaulo@unifap.br

this literature in the classroom through introductory teaching. This enables teachers to use the curated archives in their pedagogical practice and students to assimilate Marabaixo in a meaningful way. For this purpose, we developed an analysis based on the concepts of Foucault, Cosson, Martins, Bosi, Pereira, and Zumthor.

Keywords: Marabaixo; Literature; Identity; Curation; Cultural Archive.

Introdução

Este artigo surgiu das discussões e atividades desenvolvidas nas aulas da disciplina “Literatura e Estudos Culturais da Amazônia”, especificamente nas aulas que tratavam das manifestações culturais e literárias afro-amapaenses em que se abordou sobre o Marabaixo. O professor da disciplina, Dr. Marcos Pereira, nos indagou sobre nossa experiência com tal prática cultural e religiosa, em conjunto questionando se fomos introduzidos ao ensino dela em nosso contexto escolar.

Através desse questionamento, nossos relatos e dos demais discentes sobre o contato com o Marabaixo, notou-se que essa apresentação aconteceu por meio de atividades extracurriculares em que o foco não era o estudo de sua história e literatura em sala de aula, logo, não realizamos leituras ou discussões acerca da prática cultural e religiosa do marabaixo. Esse breve contato não nos possibilitou refletir sobre a sua relevância histórica e cultural para o nosso estado, não gerou sentimento de pertencimento ou identificação com a prática, devido a carência de conhecimento sobre, o que é de certa forma, irônico, considerando que se trata de uma manifestação cultural e religiosa única, presente desde o século XVIII no estado do Amapá⁴. Dessa forma, essa troca de experiências nos motivou a trabalhar com esse tema, com o intuito de defender e apoiar a introdução do ensino da literatura que constitui a prática cultural do Marabaixo em sala de aula.

Conforme o documento de tombamento do Marabaixo como Patrimônio Cultural e Imaterial do Brasil, realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2018), o Marabaixo é uma manifestação cultural e religiosa realizada pelas comunidades negras do estado do Amapá, cuja a performance envolve as narrativas poéticas dos ladrões, a dança, os instrumentos

⁴ De acordo com IPHAN (2018), a presença do Marabaixo no Amapá data do século XVIII, com a chegada de africanos em condição de escravidão para o trabalho nas lavouras na Companhia de Comércio do Grão-Pará (1755 - 1778).

musicais, e a culinária que, juntos, compartilham e rememoram os modos de vida dos seus ancestrais e de sua comunidade.

Tais aspectos presentes no Marabaixo o caracterizam como uma performance que preservou a ancestralidade africana do estado do Amapá. Suas narrativas poéticas intituladas de ladrão⁵ possibilitam conectar o presente com o passado, conhecer histórias e modos de vidas que resistiram a condições de marginalização e discriminação de sua prática cultural e religiosa, evidenciando a identidade de uma comunidade ativa que integrou na formação da história e cultura dos amapaenses. Este artigo propõe o trabalho do Marabaixo em sala de aula para apresentar ao estudante a prática dessa manifestação cultural através de um ensino que valoriza a cultura local, rompe com os preconceitos, intolerâncias e promove um espaço de reconhecimento para a comunidade, permitindo assim, que o discente compreenda os aspectos que compõem esta herança afro-amapaense.

Ao refletir sobre essa temática, buscamos nos documentos oficiais de ensino, Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Referencial Curricular Amapaense (RCA), a implementação da lei 10.639/03⁶ em competências e habilidades que trabalhem o ensino dos aspectos histórico-socioculturais das manifestações advindas de matrizes africanas. Todavia, a BNCC (2018) e o RCA (2020) não especificam esse ensino ao uso dos aspectos culturais, históricos e literários que estão presentes em manifestações afro-brasileiras, não promovendo um estudo que incentive as discussões sobre sua origem e seu impacto histórico-social em sala de aula.

Visto que não há especificidade em ambos os documentos sobre o desenvolvimento de competências e habilidades que ensinem as dimensões literárias presentes no Marabaixo, trabalhamos neste artigo com uma Curadoria, na qual organizamos e selecionamos arquivos que incentivem a introdução do ensino do Marabaixo em sala de aula. Esse material possibilita que o docente tenha acesso aos aspectos culturais, históricos e literários sobre o Marabaixo, além de atividades que possam ser adaptadas para seus estudantes no contexto escolar.

Neste estudo, utilizamos os seguintes artigos e documentos para a fundamentação de nossa curadoria: o Dossiê do Marabaixo, elaborado pelo IPHAN

⁵ Versos que narram as histórias e experiências vivenciadas pela comunidade negra do estado.

⁶ Igualmente a lei 11.645/08 que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares do ensino fundamental e médio.

(2018); o artigo de Marcos Reis, Kerllyo Maciel e Marcos Pereira (2021), que discorrem sobre os aspectos histórico-socioculturais presentes nos ladrões de Marabaixo; a pesquisa de Drieli Sampaio e July Nazaré (2022) que tratam sobre a escrevivência e oralituras na performance do Marabaixo e o estudo de Marcos Pereira (2024) que aborda a memória e identidade presente nas narrativas dos ladrões. A partir da contextualização dessas leituras, elaboramos as atividades pedagógicas que trabalham o Marabaixo e os seus aspectos históricos, culturais e literários. Ressaltamos, que os conteúdos foram planejados para trabalhar com o estudante do ensino médio, considerando que tais conceitos são trabalhados ao longo dessa etapa.

Refletimos que a lacuna de conhecimentos acerca do Marabaixo dentro da grade curricular das escolas se deve a diversos fatores, entre eles a falta de especificidades e orientação nos documentos, o que refletiu no nosso contexto na disciplina de “Literatura e estudos culturais da Amazônia”, em que os discentes relataram que só aprofundaram esse contato na disciplina no ensino superior. Por isso, este artigo visa dialogar o ensino do Marabaixo em sala de aula através da Curadoria, que disponibiliza de arquivos informativos sobre a prática e traz atividades pela perspectiva do letramento literário, ensinando ao estudante a desenvolver uma compreensão crítica dos textos, refletindo sobre sua importância e conseguindo interpretar e analisar os sentidos presentes nos conteúdos.

De acordo com o IPHAN (2018), a prática cultural e religiosa do Marabaixo pode ter sua origem ligada a dois momentos na história, o primeiro, com a chegada de famílias portuguesas transferidas de Marrocos, na África, para o Amapá, no Brasil.⁷ E o segundo, com a introdução da mão de obra negra em condição de escravidão, destinada à construção da Fortaleza de São José, em Macapá. Esse encontro de diferentes etnias, juntamente com os povos originários que já habitavam a região, ocasionou no compartilhamento de suas culturas e saberes que podem ter influenciado na formação do Marabaixo.

A história de sua comunidade foi preservada por sua tradição oral, suas experiências compartilhadas ao cantar na roda de Marabaixo foram passadas ao longo das gerações, narrando em versos vocalizados suas histórias, costumes,

⁷ Para aprofundamento do tema, recomendamos o vídeo “Mazagão, A cidade Transplantada” de Eduardo Bueno, que se encontra no Youtube, no seguinte endereço: https://youtu.be/Jzjcn_ZuGnQ?si=vsl80rPZ-o-RFGPn

lamentações e fé ao adorar os santos. Em seu livro *A terra dá, a terra quer*, Bispo (2023) denomina o compartilhamento dos saberes como confluências, em que ao partilhar as experiências e conhecimentos, fortalecem os laços ancestrais. De modo semelhante, no artigo “*Ladrões de Marabaixo em Macapá: identidade, cultura, poder, história, memória e religiosidade na amazônia amapaense*”, os autores Reis, Maciel e Pereira discorrem que é pelos ladrões que se consegue “identificar a forma de viver dos negros amapaenses, as relações de poder, narram a sua história e relatam suas tradições.” (2021, p.14).

Os versos do Marabaixo evidenciam a identidade de comunidades que persistiram para continuar praticando sua cultura e religião, resistindo à tentativa de apagamento de sua ancestralidade africana e demais costumes incorporados ao longo das gerações. Suas tradições e costumes preservados pela memória de comunidades, torna o Marabaixo uma manifestação que marca identidades, celebra através do rememorar e mantém viva sua cultura enquanto resiste a violência epistêmica, fruto de uma herança colonial que busca embranquecer a escola, assim como discorrem Torres e Pereira (2021) em *Encontros Com Foucault*:

A violência epistemológica de seu discurso subalterniza o Outro, inviabiliza a coexistência das minorias com os dominantes em um mesmo território, porque apagaria a identidade destes e as condições que lhe são ulteriores, pois quaisquer reivindicações culturais estão interligadas a condições econômicas e políticas. Como toda identidade é uma narração de si, o silenciar dessa narração gera o apagamento identitário. (TORRES, PEREIRA, 2021, p.152)

Os aspectos da performance e os contextos históricos e culturais que integram o Marabaixo, possibilitam o definir como uma literatura possível de ser ensinada no ambiente escolar, refletindo em um conteúdo didático que trabalhe o ensino de sua literatura e se associe à arte, cultura e história. Ao inserir o Marabaixo em sala de aula, o conteúdo deve promover discussões sobre os aspectos mencionados, fazendo com que os estudantes compreendam as dimensões que o evidenciam como uma literatura relevante para o ensino em sala de aula. A partir disso, surge o nosso objetivo de construir a Curadoria, visto que nela reunimos arquivos que auxiliarão o docente a introduzir o Marabaixo, analisá-lo em conjunto com seus discentes e levá-los a compreendê-lo como uma manifestação que se constitui por muitos outros elementos além daqueles que podem ser enxergados superficialmente.

O Marabaixo, por anos foi, e continua sendo rejeitado pelas comunidades que deveriam abraçá-lo e compreendê-lo como tesouro estadual, isto é, pelo próprio povo amapaense, mas sobretudo, pelos adeptos ao catolicismo, que não reconhecem a incorporação de elementos da religião católica no Marabaixo. O IPHAN (2015) explica que a formação dos quilombos no Brasil se deu com os portugueses fomentando a manutenção de colônias de exploração localizadas no continente africano, e que essa iniciativa facilitou o sequestro de povos pretos que habitavam aqueles territórios. Junto com esses povos, foram trazidos recortes culturais como o próprio Marabaixo, cujo os elementos, neste estudo denominados como arquivos, constituem as práticas discursivas que enunciam o Marabaixo.

Em nossa curadoria, também de mesmo nome, *Entre Giras e Batuques: O Marabaixo em Sala de Aula*, trazemos para a realidade do estudante o ensino contracolonial, permitindo que vozes primordialmente silenciadas sejam protagonistas dentro do ambiente escolar, promovendo, desta maneira, um espaço seguro, de acolhimento e diversidade. É também nesse espaço que estudantes que nunca tiveram contato com o Marabaixo, ou sequer reconhecem a natureza de tal manifestação, encontrarão oportunidade de descobrir, questionar, compreender e até mesmo de entender-se como parte.

O artigo baseia-se nos estudos sobre arquivo de Michel Foucault (2009); o processo de colonização e sua influência na construção da identidade e do simbólico de Alfredo Bosi (1992); nos estudos das oralituras de Leda Martins (2003); performance de Paul Zumthor (2012) e O contracolonialismo de Antônio Bispo (2023). Destaca-se também, o artigo de Piedade Videira (2014) que reforça o Marabaixo como prática pedagógica que valoriza a cultura e história dos afro-amapaenses e a análise das identidades narrativas presentes na performance e nos ladrões de Marabaixo desenvolvida por Marcos Pereira (2024).

Na introdução apresentamos nossa proposta de utilização da Curadoria como estratégia para a integração do Marabaixo em sala de aula. No tópico Performance, resistência e identidade: fundamentos do Marabaixo, conceituamos a prática como oralitura de resistência e de identidade de comunidades marabaixeras. Em O Marabaixo em sala de aula, discutimos os conceitos de Arquivo, de Foucault (2009) e letramento literário, de Cosson (2006), para fundamentar a construção da Curadoria e a inserção do Marabaixo no contexto escolar. Em seguida, com o tópico Experiência Curatorial em Evidência, discorreremos sobre o processo de curadoria

dos arquivos para a formação do documento, finalizando com o resultado de nossa pesquisa.

Performance, resistência e identidade: fundamentos do marabaixo.

Como apresentado anteriormente, as narrações poéticas de performance do Marabaixo são denominadas de ladrões, compostas por arquivos históricos, socioculturais, de memória e identidades experienciados em comunidade. Seus versos vocalizados narram o cotidiano e as experiências vividas individualmente e em coletivo pela comunidade.

Em seu artigo sobre oralituras, Leda Martins utiliza do conceito de lugares de memória de Nora (1994) para argumentar que a memória do conhecimento não se preserva apenas nos lugares de memória (biblioteca, museus, arquivos, etc.), mas também nos ambientes de memória, que são os repertórios orais, corporais, gestuais, etc. A autora argumenta que a performance dos rituais, cerimônias e festejos são os exemplos dos ambientes onde a memória é transmitida, recriada, restituída e expressa no e pelo corpo. Portanto, definindo oralituras como performances que não só envolvem a tradição verbal, mas que compõem a “presença de um traço residual, estilístico, mnemônico, culturalmente constituinte, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade” (2003, p. 77). Tais conceitos evocam que as oralituras compõem a identidade de uma comunidade, uma vez que os aspectos da performance, transmitidos por seus ancestrais, resistem às modificações do tempo. Assim, evidenciam o traço residual da ancestralidade, escrito e inscrito no estilo do canto, da dança e da memória que sustentam essa prática.

Nas rodas de marabaixo, os partícipes expressam seus sentimentos e rememoram as tradições de seus ancestrais ao cantar os ladrões, que evocam e ressignificam as memórias de opressão do passado em resistência, ao mesmo tempo que dançam e tocam as caixas, compartilhando nesse espaço os saberes preservados. Esses aspectos se integram em seus costumes e tradições, moldando suas identidades, isso caracteriza uma manifestação que é culturalmente constituinte nas comunidades e define o Marabaixo como oralitura, visto que se caracteriza por esse conceito. Deste modo, torna-se possível trabalhar com o ensino

dessa literatura, promovendo conhecimento sobre a manifestação cultural e a história que está ligada a ela.

As oralituras do Marabaixo enunciam pela sua performance a história e cultura de comunidades que resistiram e não cederam ao apagamento de sua prática, sendo vozes ativas e dando continuidade no compartilhamento de seus saberes e heranças através da manifestação. O trabalho com essa literatura oportuniza o estudante a aprender sobre a arte, história e literatura que está ligada a prática, ensinando em sala os aspectos histórico-culturais que influenciam nas identidades de comunidades, além de abordar sobre uma expressão cultural que diverge das ocidentais⁸, possibilitando um contato mais amplo com diversos textos que retratam a história de povos quilombolas.

O ensino dessas narrativas em sala de aula pode levar o estudante a desenvolver o senso crítico sobre diversas temáticas, ampliando sua visão de mundo e lhe concedendo o espaço para analisar e questionar diversas questões socioculturais, como as contidas no próprio Marabaixo. Dessa forma, nosso intuito é que ao introduzir o Marabaixo em sala de aula como oralitura, os alunos possam desenvolver a compreensão da importância dessa manifestação cultural afro-amapaense por intermédio do trabalho de Curadoria.

Para isso, a elaboração da Curadoria foi baseada no conceito de contracolonialismo que, de acordo com Pereira (2024) representa uma alteração na maneira como as crenças, o aprendizado, e os costumes são obtidos, tirando o colonizador da posição dominante e abrindo espaço para vozes antes silenciadas e inferiorizadas, permitindo que esses sujeitos sejam ativos na construção da própria identidade e possam buscar uma revalorização de saberes, culturas e práticas locais que foram marginalizadas ou apagadas pelo colonialismo. Diferente da postura decolonial, que busca livrar-se de ações que, infelizmente, foram concretizadas no passado, evidencia Pereira.⁹

⁸ Como aponta Martins (2021, p. 22), “este olhar, amparado numa visão etnocêntrica e eurocêntrica, desconsiderou a história, as civilizações e culturas africanas, predominantemente orais, menosprezou sua rica oralidade; quis invalidar seus panteões, cosmologias, teogonias”.

⁹ Uma das premissas norteadoras dessa ideia é que ela não se confunde com o movimento decolonial, pois os quilombos nunca aceitaram as cosmologias impostas, as simbólicas destinadas a capturá-los, e as crenças que procuravam convencê-los de sua inferioridade, fraqueza ou feiura; ao contrário, ancoravam-se na ciência de sua própria imagem para resistir, sustentando-se na recusa dessas imposições e na reafirmação de identidades próprias e autônomas. (PEREIRA, 2024, p. 04)

Adotar uma postura contracolonial implica abrir espaço para que essas vozes sejam ouvidas em sala de aula e nos encaminha para conclusões já antes debatidas neste artigo. Trata-se de reconhecimento e valorização de identidades diversas, desconstrução de estereótipos, resgate de histórias negligenciadas, empoderamento de discentes marginalizados e muito além disso, oportunidade para o desenvolvimento de um pensamento crítico. É também na implementação ativa de estudos voltados para manifestações culturais afro-brasileiras e afro-amapaenses que encontramos uma maneira de manter essas expressões vivas, educando o povo quanto a importância de conhecer, valorizar e honrar a própria história. Antônio Bispo, para além de trabalhar o conceito do contracolonial em sua obra, “*A terra dá, a terra quer*”, argumenta que devemos implementar também a ressignificação de artifícios impostos pelos colonizadores

Certa vez, fui questionado por um pesquisador de Cabo Verde: ‘Como podemos contracolonizar falando a língua do inimigo?’. E respondi: ‘Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las. Por exemplo, se o inimigo adora dizer desenvolvimento, nós vamos dizer que o desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da cosmofofia. Vamos dizer que a cosmofofia é um vírus pandêmico e botar para ferrar com a palavra desenvolvimento. Porque a palavra boa é envolvimento’ (BISPO, 2023, p.08)

Diante de uma sociedade que incrementa e valoriza as heranças colonizadoras, é indispensável que o ato de ressignificar, substituir e reinventar seja praticado. A luta contracolonial parte de comunidades e povos que compreendem os danos deixados após séculos de colonialismo e outridade e precisa ser vista não somente como um movimento que nos separa dos responsáveis pela dor, opressão e marginalização de nossos povos, mas também como um movimento que enaltece e se orgulha do conjunto de elementos, ritos, e tradições que compõem nossa identidade, a identidade de uma comunidade que, por séculos, foi inferiorizada e demonizada.

Esses aspectos identitários são analisados no artigo de Pereira (2024), intitulado “*Memórias e identidades em narrativas afro-amazônicas: resíduos, resistências e ensino de história comunitária*”, através da performance do Marabaixo, em que discorre sobre os elementos do imaginário da comunidade, memória e identidade presentes nas narrativas poéticas. Segundo o autor, os ladrões de Marabaixo são poesias que retratam as experiências individuais e do imaginário coletivo, em que suas narrativas efabuladas realizam a ressignificação

das experiências de forma imaginativa, tornando os fatos históricos contidos nos ladrões em memória coletiva e identidade cultural, o que possibilita que a comunidade reinterprete sua história. Ao performar juntos, os partícipes realizam essa reinterpretação e rememoram suas histórias, construindo em comunidade o sentimento de pertencimento e identificação com a prática. Tal compartilhamento na performance, traz a valorização das experiências e modos de vidas que resistiram às condições de subalternização e marginalização de sua prática, que ressignificam suas dores em resistência, fortalecendo a identidade da comunidade. Pereira (2024) cita o exemplo do ladrão de Marabaixo *Aonde tu vais, rapaz*¹⁰ de Raimundo Ladislau, em que a narração efabulada compartilha pela memória coletiva a ressignificação de um momento doloroso em um manifesto crítico de resistência para a comunidade, conectando o passado com o presente, reafirmando suas identidades e criando um elo entre as gerações, como pontua o autor:

As estrofes deste ladrão se transformam em veículos de simbolização, onde o passado é revivido, ressignificado, recontextualizado e tornado presença cristalizada, permitindo que as vivências históricas dialogem com as novas gerações, garantindo que a permanência do resíduo seja trabalhada pela tradição geradora de resistência e de contracolonialidade. Dessa forma, enquanto preserva a essência de uma herança, essa prática responde às mudanças sociais, adaptando-se aos novos contextos sem perder seu significado profundo, o que torna suas performances em elos entre o passado e o presente, garantindo a continuidade e a relevância do patrimônio comunitário. Ao efabular suas experiências por meio do imaginário, os participantes criam uma narrativa que, além de artística, é socialmente engajada, reafirmando identidade e pertencimento. (PEREIRA, 2024, p. 97)

Em consonância a isso, o autor Alfredo Bosi, em *Dialética da colonização* (1992), discute como a formação identitária de um grupo ou uma comunidade pode ser influenciada pelo seu passado, que é construído através do simbólico em que os gestos, as danças, os ritos, a oração e as falas, ao serem compartilhadas pelas gerações, estabelecem um vínculo do passado com o presente. O autor afirma que esse vínculo torna-se um laço que conecta a comunidade do presente com seus ancestrais e que fortalece e sustenta sua identidade no agora. No Marabaixo, os marabaixeiros se conectam e expressam sua cultura e identidade por meio de sua performance, que foi compartilhada por seus ancestrais através das gerações e

¹⁰ Sobre esse ladrão, Pereira (2024, p. 96) comenta: “Tomo como exemplo dessa ação o Ladrão Aonde tu vais, rapaz, que preserva momento significativo da historiografia do Amapá, ao lembrar a chegada de Janary Gentil Nunes, primeiro governador do Estado, e a desapropriação de casas populares em prática de higienização urbana que marginalizou simbólica e geograficamente a população negra do estado, relegando-as a bairros então periféricos como o Laguinho”.

preservado pela memória coletiva da comunidade, o que evidencia a influência e impacto dessa conexão na formação identitária das comunidades.

A transmissão dessas simbologias no Marabaixo, ressalta a herança da ancestralidade africana nas comunidades, em que a identidade dos grupos marabaixeiros foram moldadas pela influência de seu passado e pelo compartilhamento dos saberes e tradições de seus ancestrais, formando quem são, rememorando e reinterpretando sua história. Videira (2010) traz o conceito de *continuum cultural* para ressaltar que a presença da ancestralidade africana na performance não preserva só o elo entre as gerações, mas que podem se adaptar às novas realidades que essas comunidades podem experimentar. Portanto, a manifestação traz em sua performance uma carga imensurável de saberes históricos, religiosos e culturais, que foram transmitidos ao longo dos séculos pelas gerações, permitindo que conheçam suas histórias e se reconheçam nela, criando um espaço para que se inspirem e possam continuar mantendo ativa a prática do Marabaixo.

Paul Zumthor (2012), em seu livro *Performance, recepção, leitura*, argumenta que a performance além de ser um ato que acontece ao vivo e que é oral e gestual, também precisa ter a presença de um corpo que é indizivelmente pessoal, ou seja, esse corpo que vai agir, sentir e ser presente dentro da performance, além de interagir com o espaço em que está acontecendo o ato performático. O autor exemplifica com a lembrança de uma canção de sua adolescência, que fazia com que ele e os demais a sua volta compartilhassem juntos a energia que a música e os gestos transmitiam, criando uma conexão entre eles. Essa troca de energias e sentimentos de corpos ativos em um espaço, acontece na roda de Marabaixo, onde criam conexões e transmitem seus sentimentos na preparação da festividade, no canto, na dança e no tocar das caixas, expressando juntos experiências vividas no individual e na comunidade, partilhando através da performance, modos de vida, resistência e tradição, visto que, os versos retratam as celebrações mas também, lutas e lamentações enfrentadas por eles.

Todos esses conceitos caracterizam o Marabaixo como uma literatura importante e que deveria estar presente na formação do estudante, abordando não somente os aspectos culturais como a dança, mas as concepções identitárias e históricas da performance. O livro, *Letramento Literário: teoria e prática*, do autor Cosson (2006) trata sobre a necessidade da inserção dos textos literários no ensino

como forma de desenvolver o senso crítico dos estudantes, proporcionando o contato com diferentes gêneros literários. Assim, o ensino da literatura afro-amapaense pautado no trabalho do letramento literário, permite o estudante refletir e reconhecer a importância do Marabaixo para a literatura, história e cultura do estado, criando um espaço para que se desenvolva o sentimento de pertencimento e de identificação com a cultura local. Para Cosson, “na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos” (2006, p. 17). Com isso, introduzir o Marabaixo nas aulas implica reeducar práticas e pontos de vista acerca da manifestação afro-amapaense, incentivando o estudante a compreender o marabaixo não só como uma dança, mas como uma performance, por conseguinte, literatura. O sentimento de pertencimento é construído ao longo do processo de aprofundamento, quando o discente ao compreender o Marabaixo em sua dimensão cultural e literária de forma não superficial, passa a se enxergar como parte.

Em seu artigo intitulado “*O Marabaixo do Amapá: encontro de saberes, histórias e memórias afro-amapaenses*”, a autora Piedade Videira, discute sobre a importância do ensino das literaturas afro-brasileiras e afro-amapaenses em sala de aula. A autora afirma que o estudo teórico e prático sobre o Marabaixo pode desenvolver uma abordagem pedagógica que traz significado para os estudantes através da elaboração de conteúdos em que se trabalhe com a história, cultura e as relações locais da prática religiosa. Além disso, segundo Videira, “o compartilhamento desses saberes por meio do conteúdo educacional, irá oportunizar aos alunos o conhecimento de outras formas e saberes, outras formas de ser/existir como sujeitos históricos, sociais e corpóreos” (VIDEIRA, 2014, p. 9).

Seguindo o mesmo raciocínio, Videira (2014) ressalta a importância da implementação efetiva da Lei 10.639/2003, defendendo a construção de uma educação que permita que o estudante aprenda sobre sua cultura, revise a história de seus ancestrais e a reconheça como sua própria história. Com isso, este artigo prossegue com os estudos defendidos por Videira (2014), que tem como o intuito a valorização das culturas afro-amapaenses e a inserção da manifestação cultural do Marabaixo em sala de aula. Portanto, esta pesquisa não só se alinha com os escritos de Videira, como trabalha com um material de curadoria que disponibiliza informações do Marabaixo, apresentando ao docente seus aspectos culturais e literários. Para isso, serão reunidos documentos como o Dossiê do Marabaixo, além

de outros artigos que tratem sobre a temática, oportunizando a utilização desse material no âmbito educacional. Na parte pedagógica, a Curadoria incluirá atividades que demonstrem, na prática, como o ensino desta manifestação pode ser trabalhado em sala, as quais serão orientadas pela perspectiva do letramento literário e contracolonial, possibilitando ao professor abordar as questões histórico-culturais presentes no Marabaixo.

O marabaixo em sala de aula

Até aqui, vislumbramos a importância do Marabaixo como manifestação cultural e contemplamos sua contribuição para a construção da identidade amapaense, contudo, surpreende que mesmo diante desses apontamentos, ainda hoje, muitos locais não compreendam a importância de inserir essa parte indispensável da história do estado no planejamento escolar.

Alguns documentos educacionais sugerem que essa introdução aconteça, mas a ênfase no *sugerem* precisa ser frisada. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que estabelece as organizações e funcionamentos do sistema educacional público e privado, desde o ensino básico ao ensino superior, regulamenta nas leis 10.639/03 e 11.645/08 a inclusão e obrigatoriedade da temática de *História e cultura afro-brasileira* no currículo oficial da Rede de Ensino (LDB, 2003/2008). No Art. 26-A da 10.639/03, o termo *obrigatório* está previsto ao apresentar o caráter da Lei. Entretanto, na 11.645/08, o parágrafo primeiro ressalta que o conteúdo programático do ensino dessa temática deve incluir os diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação desses grupos, em que se destaque suas contribuições para os diversos âmbitos históricos e sociais do país, ampliando o que estava previsto antes no parágrafo primeiro da Lei 10.639/03.

Por conta da natureza de nossa pesquisa, em que o foco é o ensino para os estudantes do Ensino Médio, o intuito foi analisar e procurar nos documentos oficiais (BNCC e RCA), no campo artístico-literário, como ocorre a aplicação desta Lei, visto que trabalharemos especificamente com o ensino da literatura articulado com as demais áreas de conhecimento das humanidades, partindo da compreensão que o Marabaixo, como uma performance, não está presente só em texto escrito, mas que se manifesta em corpos, danças, giras, e memórias de comunidades que narram suas histórias, saberes e tradições por meio de sua oralitura.

A BNCC surgiu como um complemento dos documentos oficiais da educação, como a LDB, em que organiza os objetivos educacionais em competências e habilidades. O documento define a competência como “mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver as demandas complexas da vida cotidiana” (BNCC, 2018, p. 8). Assim, a BNCC estrutura-se em 10 (dez) competências que o estudante deve desenvolver ao longo dos seus anos no Ensino Básico, por meio de habilidades que irão especificar os objetivos amplos trabalhados na competência geral.

Ao analisar o documento a partir do Ensino Médio, a BNCC aborda no campo artístico-literário, que o estudante deve ter um contato mais aprofundado sobre o estudo das manifestações culturais e artísticas em geral. O exemplo a ser analisado é a habilidade EM13LP52¹¹, que propõe o ensino das obras significativas das literaturas portuguesa, indígena, africana e latino-americana. O termo *significativo* aplicado neste contexto abre espaço para as produções literárias que refletem liberdades múltiplas de sentidos de expressão cultural, religiosa, histórica e de memória coletiva. Todavia, nota-se que não é especificado ao ensino da literatura afro-brasileira, não considerando as formações próprias reelaboradas pelo contexto histórico das comunidades negras, que resultaram em uma diversidade de tradições e saberes culturais de caráter identitário e de resistência. Freire e Souza levantam também outras questões contestáveis na tentativa de integração dessas manifestações na BNCC¹².

O RCA do Ensino Médio articula o ensino em consonância com as competências e habilidades da BNCC, organizando-se em torno de noção de habilidade, em que trabalha com a progressão de uma habilidade focal, na qual indicam conteúdos que podem ser abordados durante os três anos do Ensino

¹¹ De acordo com a BNCC (2018) a habilidade EM13LP52 afirma: “Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latina-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura de composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) o modo como dialogam com o presente”.

¹² Analisando a BNCC, percebemos que ela não contempla a contento a temática das relações étnico-raciais. Desprestigia o processo histórico de luta e minimiza a importância do assunto, diluindo-o em meio a outros temas que emergem no cenário contemporâneo. Apresenta incoerência no que concerne à proposição de uma educação integral e prevê conhecimentos essenciais e metas pré-estabelecidas quando restringe as competências e habilidades ao saber e saber fazer, perspectiva técnica e limitante. (FREIRE; SOUZA, 2022, p. 17)

Médio, propondo um ensino conjunto e articulado entre os documentos (2022, p. 6 - 7). No entanto, ao utilizar a mesma habilidade citada o documento sugere que seja trabalhado o ensino canônico da literatura brasileira, não permitindo que se promova o espaço para as demais literaturas (contemporâneas, periféricas, resistência e etc.) serem ensinadas em sala de aula. Por ser elaborado para especificar as competências e habilidades da BNCC através de um ensino que traga estratégias e contextos para a realidade do estudante amapaense, era esperado que fosse incluído e especificado o estudo de literaturas afro-amapaenses, como o Marabaixo e outras escrevivências¹³, porém o RCA não comporta sua própria cultura local, falhando na inclusão da categoria.

Pereira afirma que a não valorização e aplicação dos saberes e tradições de comunidades quilombolas, indígenas e ribeirinhas no currículo escolar “reforça a dinâmica de silenciamento colonial, perpetua discursos de dominância e contribui para a marginalização de vozes.” (PEREIRA, 2025 p. 142), o que ao privilegiar o ensino da literatura cânone e não contemplar as demais, ocasiona a marginalização dessas histórias e saberes, tanto espacial quanto simbólica, que são ordenados em sub-representação que impede a compreensão profunda e completa de sua formação. A ausência de espaço para essas literaturas reforça a percepção de que elas não possuem a mesma relevância que os clássicos, transmitindo a ideia de que compreender a formação histórica e cultural desses povos não é significativo para o estudante, resultando em uma comunidade que não conhece a própria história, comete intolerância religiosa com religiões de matrizes africanas, associando o Marabaixo a elas, mesmo que a prática esteja diretamente ligada com o cristianismo, e reproduz estereótipos acerca de um conjunto de pessoas que juntas, contam a história que muitos têm se recusado a ouvir, através da música e da dança. Pereira (2017) pontua que a perpetuação de estereótipos reduz o Outro a um conjunto limitado de caracteres e causa silenciamento, marginalização e apagamento cultural. O *Outro* é colocado como inferior e passa pelo processo de binarismo, onde somente o que o colonizador acredita ser correto é válido, importa.

Isso se reflete na constituição curricular das escolas, em que se percebe, principalmente no RCA, a falta de ênfase e de espaço para o ensino da literatura

¹³ Para Evaristo (2020) a escrevivência: “traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem dos povos africanos e celebrar minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana”.

afro-brasileira e afro-amapaense no contexto escolar. Isso refletiu na produção deste artigo e ocasionou a elaboração da curadoria, na qual selecionamos arquivos que tratam especificamente sobre a prática cultural do Marabaixo de forma introdutória, destacando o caráter identitário e de resistência. Nosso foco foi elaborar o catálogo de Curadoria para o docente, com o intuito de aprimorar seus conhecimentos acerca do Marabaixo, desenvolvendo o domínio do conteúdo para que possa apresentar para os estudantes os aspectos conceituais e performáticos do Marabaixo.

Como mencionado anteriormente, enfatizamos que a introdução do Marabaixo em sala de aula deve ir além de o caracterizar como uma manifestação cultural voltada apenas para dança, mas que ressalte as simbólicas transmitidas pela ancestralidade africana na performance, trabalhando os aspectos identitários que refletem a ressignificação das lutas e sofrimentos experienciados pela comunidade, em resistência. Trazer o estudo do Marabaixo para sala de aula é trabalhar e ensinar para o estudante conceitos que desenvolvam suas habilidades críticas e literárias sobre as questões históricas e identitárias da manifestação, o fazendo refletir sobre a importância da cultura de seu estado.

Estas análises conduzidas até aqui são fundamentais para compreender o conceito foucaultiano utilizado para elaborar nosso trabalho de Curadoria relativo ao Marabaixo. Segundo Foucault, o arquivo é como um conjunto de discursos que manifesta um efetivo de um devir, potencializa o discurso e se baseia em uma sequência de elementos os quais excedem os limites físicos, isto é, fazem-se presentes de outras maneiras, não somente em registros históricos, museus, e bibliotecas¹⁴. O tempo que esse discurso se constrói permite que ele exista e que os grupos que o cercam, validem sua existência, atribuindo a ele sentido, um motivo para pairar entre esse coletivo, para existir e configurar-se como importante. É, portanto, através disso que relacionamos o arquivo da perspectiva de Foucault com o Marabaixo, posto que o conceito trata de discursos que transcendem o registro escrito, compreendendo que a manifestação do Marabaixo se expressa em musicalidade, giras, temporalidades, ladrões, memórias, indumentárias e corpos,

¹⁴ sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar de arquivo (FOUCAULT, 2009, p.146)

sendo esses aspectos arquivos partilhados pela performance que transmitem a memória coletiva das histórias, saberes e culturas de comunidades marabaixeras.

Essa preservação pela memória coletiva das comunidades se efetiva pela partilha de experiências dos mais velhos com as gerações mais jovens, e pela valorização dos ensinamentos transmitidos oralmente. Conforme mencionado anteriormente, Martins (2003) discorre que o conhecimento não está só em lugares de memória, mas em *ambientes* de memória, nos quais o conhecimento das práticas históricas e culturais do Marabaixo se instaura por meio da roda, refletindo assim o elo afetivo de troca de vivências entre os partícipes. Como uma oralitura, a prática transcende os registros de texto, pois sua manifestação está registrada na memória das comunidades em consonância com a transmissão dos laços ancestrais, que difundem pelos aspectos performáticos os arquivos de conhecimento que compõem o Marabaixo. Bosi (1992) também trata sobre o compartilhamento das simbólicas como gestos e orações que são repassadas pelas gerações através do elo que gera o reconhecimento identitário, conectando o passado com o presente, o que evidencia um conceito que também reflete os arquivos do Marabaixo.

Com auxílio do arquivo, indivíduos que tiveram pouco ou nenhum contato com o Marabaixo passam a reconhecer elementos que o compõem, posteriormente o compreendendo como uma manifestação heteroglóssica, na qual as comunidades marabaixeras se diferem em múltiplos aspectos. O arquivo proporciona um aprendizado que vai além do que o primeiro contato permite perceber, ele disponibiliza uma carga cultural, histórica, atemporal, e sobretudo, afetiva e íntima. Os símbolos que não significavam nada para o indivíduo externo se transformam e os fundamentos de seus conhecimentos acerca da prática continuam se transformando ao longo dos anos, porque o arquivo se mantém mutável, dessa forma, abrindo espaço para que novas perspectivas sejam contadas e isso seja possível.

O nosso trabalho curatorial define-se, da mesma forma, como conjunto organizacional de arquivo, pois nele reunimos materiais que potencializam o discurso do docente no momento de condução destes conhecimentos. Correia (2019) afirma que a curadoria é o documento que reúne as informações encontradas sobre algo já criado e que essa seleção, é significativa quando filtrada e direcionada a um tópico específico. Em nossa curadoria, não coube incluir cada e

todo elemento que compõe o objeto de estudo ao longo do processo de construção, mas coube realizar um recorte do que pretendíamos destacar, trabalhando de forma mais abrangente com os recursos selecionados, como artigos, vídeos e elaboração de atividades que abordem o Marabaixo no contexto escolar.

Essa Curadoria se propõe porque o corpo docente não tem acesso aos arquivos que correspondem ao Marabaixo ou não sabe como encontrá-los, portanto, refletindo a respeito disso, objetivamos através do desenvolvimento do trabalho curatorial possibilitar o acesso, quiçá primeiro, a estes materiais, para que os professores sintam-se auxiliados e possam conduzir tais discussões em sala de aula.

Além dos arquivos, elaboramos atividades que foram planejadas para serem trabalhadas com os alunos do Ensino Médio devido a complexidade dos conteúdos que requerem uma maturidade de leitura e de conhecimentos prévios sobre conceitos étnicos, raciais, culturais e de identidade. Os estudantes serão apresentados ao tema e realizarão análises e discussões acerca dos aspectos que conceituam o Marabaixo como literatura, ensinando o que deve ser trabalhado nessa etapa, já que o Ensino Médio é o momento para ampliação de debates, desenvolvimento de pensamento crítico e construção de repertório cultural por meio do ensino da literatura em sala de aula (BNCC, 2018). Apesar de não detalhar o trabalho com literatura afro-brasileira, a BNCC integra o ensino da literatura ao componente curricular de Artes e Linguagens, visando um trabalho mais contextualizado e diverso com diferentes gêneros literários, multimodais e manifestações artísticas, com o intuito de formar leitores. Dessa forma, nosso objetivo prossegue alinhado ao ensino da literatura conforme a BNCC, de contextualizar os conteúdos e atividades, apresentando para o estudante todos os elementos que compõem a manifestação do Marabaixo.

Utilizaremos também do conceito de letramento literário desenvolvido por Cosson (2006), que se fundamenta em uma prática de ensino que não centra sua atenção em decodificação e memorização da leitura, mas faz o discente compreender o sentido presente nos textos, refletindo e argumentando sobre seus aspectos literários e seu impacto para a sociedade, possibilitando que o estudante se aproprie de fato desses conhecimentos e saiba como utilizá-los, posteriormente,

tornando-se letrados¹⁵ em literatura. Cosson (2006) discorre que o ensino da literatura desenvolve-se em etapas:

A aprendizagem da literatura, que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura, que envolve conhecimentos de história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio da literatura, nesse caso os saberes e as habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários. (COSSON, 2006, p. 47)

Todas essas etapas apresentadas ensinam que o trabalho contextualizado da literatura, favorece para o estudante a construção de seus conhecimentos culturais e históricos, através da leitura das diversas obras advindas de diferentes contextos, possibilitando um ensino que não trabalhe apenas com a historicidade das obras dos autores, mas que traga os textos para explorar as dimensões presentes nele e que faça com que o estudante compreenda e aprenda a utilizar o conhecimento adquirido pelo estudo da literatura.

A BNCC destaca que a literatura “enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo” (BNCC, 2018, p. 491). É através dela que em sala de aula o estudante pode ter o contato com diferentes realidades e perspectivas sobre histórias e culturas de comunidades, o que conforme abordado anteriormente, é o nosso objetivo ao elaborar as atividades sobre a literatura do Marabaixo em sala de aula, refletindo um ensino que contemple todos os aspectos que contribuam para o reconhecimento da diversidade cultural amapaense e a promoção da desconstrução de estereótipos associados a manifestação. Cosson pontua que o ensino do letramento literário trabalhado na escola por intermédio do docente, favorece a criação de uma comunidade de leitores, essa que “oferecerá um repertório, uma moldura cultural dentro do qual o leitor poderá se mover e construir o mundo e a ele mesmo.” (2006, p.47). Portanto, nossa Curadoria orienta o docente a introduzir o Marabaixo no contexto escolar, promovendo um espaço para que essa literatura seja trabalhada em sala de aula, conforme previsto nas leis 10.639/03 e 11.645/08.

Experiência Curatorial em Evidência

¹⁵ Segundo Magda Soares (2006) o letramento vai além da alfabetização, possibilitando que o estudante se aproprie da escrita e torna-se capaz de utilizar em situações que envolvam o uso da língua em contextos sociais como: político, econômico, social, cultural e educacional.

A Curadoria educacional provém do objetivo de filtrar materiais, sejam eles *online* ou físicos, para uso consciente dentro do âmbito escolar. Através do trabalho curatorial é possível explorar e organizar temáticas com acervos ricos de informação, selecionando somente os campos de interesse a serem desenvolvidos com o público-alvo. Somado a isso, outros aspectos são igualmente considerados no processo de elaboração de uma Curadoria, como os fins pedagógicos por trás de vídeos, textos, canções, fotografias e qualquer outro recurso que possa ser utilizado com intencionalidade pedagógica. Garcia e Cezak (2019) explicam que atualmente, qualquer sujeito pode realizar uma pesquisa na *web*, mas que a tarefa do curador não se limita somente a pesquisar, mas também a filtrar as informações obtidas através dessa pesquisa, organizando-as para que estas sejam compartilhadas de forma clara e consciente. Com isso, urge a necessidade de reforçar que o nosso objetivo ao construir este material de Curadoria é proporcionar ao docente um conjunto de arquivos introdutórios sobre o Marabaixo. Adiante, ainda neste tópico, discorreremos sobre o processo de construção e nossos critérios para tanto.

Inicialmente, na intenção de situar o leitor e recepcioná-lo, produzimos uma carta explicando os objetivos estabelecidos para desenvolver o material de Curadoria, o que será trabalhado em seu corpo, e o porquê dele fazer-se necessário, abrindo espaço também para cumprimentar o docente que estará fazendo uso do *Entre Giras e Batuques* (material curatório de mesmo nome). Adiante, dedicamos algumas páginas para contextualização do Marabaixo, isto porque, quando nos veio a ideia de produzir uma Curadoria, manifestamos o desejo de elaborar um documento mais introdutório, capaz de não somente disponibilizar métodos de como o professor poderia transmitir esses saberes, mas também ajudá-lo a absorvê-los, estudá-los, e compreendê-los ao longo dessa jornada de preparação. Nesta etapa utilizamos o IPHAN para compor a base da nossa contextualização — uma vez que o Instituto apresenta um acervo rico de informações e dados sobre o Marabaixo — e Antônio Bispo elucidando o conceito de confluências.

Na categoria “Artigos Científicos” curamos 4 documentos para uso docente e disponibilizamos breves resumos referentes às temáticas discorridas neles, objetivando, desta forma, dar uma prévia ao docente do conteúdo ao qual ele estaria tendo acesso posteriormente. O principal critério de seleção dos artigos

partiu, novamente, de uma abordagem mais introdutória, mas não se limitou a isso, uma vez que também incluímos artigos que relacionam, de forma mais profunda, o Marabaixo com identidade, resistência, contracolonialismo, performance, memória e outros arquivos ulteriores. Mesmo tendo estabelecido o propósito de construir o material para apresentar nosso objeto de estudo, também nutrimos o desejo de cativar o professor a se aprofundar na temática, podendo assim, ampliar discussões em sala de aula.

Na seção de vídeos seguimos uma ordem semelhante à dos artigos, inserindo sempre o *link* dos clipes e uma pequena descrição informativa referente ao conteúdo. Os critérios para a Curadoria dos vídeos foram, em sua maioria, técnicos, isto é, qualidade de resolução, áudio, edição, confiabilidade e otimização, mas também selecionamos vídeos que davam espaço para que partícipes do Marabaixo compartilhassem, do seu modo, os saberes envoltos da prática.

A escolha dos ladrões partiu de uma familiaridade construída na disciplina de Literatura e Estudos Culturais da Amazônia, onde desenvolvemos um material didático que trabalhava a abordagem do Marabaixo em sala de aula e, conseqüentemente, tivemos contato com uma variedade considerável de cantigas. Deste modo, precisamos somente revisitar, analisar e selecionar os ladrões que permaneceram na versão definitiva da nossa Curadoria, priorizando composições clássicas como *Aonde Tu Vais Rapaz*, *Ladrões de Marabaixo*, *No Marabaixo é Assim*.

A seção “galeria” surgiu após finalizarmos a edição do material, pois percebemos que ainda tínhamos imagens inutilizadas, que tínhamos se perderem, uma vez que não foram incluídas no corpo da Curadoria. Dado isso, dedicamos uma parte do *Entre Giras e Batuques* só para expor essas fotografias. As imagens escolhidas foram realizadas pela nossa equipe em uma visita ao Museu de Artes, Culturas e Memórias Negras, e a outra parte foi registrada, igualmente por nós, no evento Ciclo do Marabaixo, que ocorreu em abril de 2025.

Desde o começo, quando a ideia da Curadoria surgiu e foi discutida, tivemos o forte desejo de incluir artes, desenhos e croquis no nosso projeto. A grande questão é que, nenhum de nós tinha as habilidades e técnicas necessárias para reproduzir as indumentárias, realizar a pintura, e construir interpretações visuais. Considerando isso, contamos com o apoio de dois artistas, sendo um deles responsável pelo desenho — feito a mão — e outro pela digitalização e pintura.

Para a primeira artista, entregamos referências fotográficas que adquirimos com colegas e conhecidos. Era importante que ela compreendesse que desejávamos chamar a atenção do leitor para os detalhes e componentes presentes nas indumentárias, como os colares, pulseiras, adereços de cabelo, toalha no ombro e os demais. Repetimos o processo com o segundo artista, compartilhando fotos de grupos marabaixeiros do Curiaú e Mazagão, e conversando sobre nossas expectativas para a pintura dos croquis. Ressaltamos a importância da fidelidade das cores para a representação de cada grupo e contextualizamos nosso trabalho de Curadoria, contando ao artista os fins para os quais utilizaríamos as artes acabadas.

Inserimos, por fim, nossas considerações finais, partilhando do desejo de que o *Entre Giras e Batuques* alcance e auxilie inúmeros grupos docentes que desejam promover uma sala de aula inclusiva, diversa, composta de saberes culturais, históricos, e identitários.

Conclusão

O Marabaixo, para além de compor as memórias do estado do Amapá, também expressa a identidade de um povo que através das práticas, pode se posicionar politicamente, expressar suas lutas, encontrar conforto em membros que compreendem seus receios, anseios e conhecem o local que esse indivíduo sempre ocupou dentro da sociedade. Considerando isso, mantê-lo ativo, e levá-lo para a sala de aula, é permitir que o aluno tenha acesso a essas expressões culturais e perceba a importância dessa e outras manifestações, expandindo seu conhecimento e sua tolerância.

A quebra dos estereótipos precisa vir acompanhada do discurso que orienta, educa, incentiva e reforça a importância da preservação da cultura e identidade local. É também, na introdução de manifestações como o Marabaixo, que o aluno marginalizado por suas condutas fora da escola pode experimentar o sentimento de pertencimento e identificação, como explicam Almeida e Sanchez: “Assim, a lei de 10.639/2003 tem o potencial de permitir aos alunos negros o reconhecimento e a valorização, subjetivos e simbólicos, de sua identidade e de sua importância na formação da sociedade brasileira” (2017, p.57). Para que isso aconteça, é necessário que os documentos oficiais, BNCC e, principalmente, o RCA, cedam o

espaço para que o ensino das manifestações afro-amapaenses e afro-brasileiras sejam ensinadas através das competências e habilidades organizadas nos documentos, não favorecendo somente as literaturas canônicas, mas demais literaturas que possibilitam ensinar o estudante a reconhecer diversos saberes e multiplicidades de sentidos que as práticas carregam, permitindo que o estudante construa um conhecimento crítico e inclusivo.

A produção da Curadoria surge da necessidade de materiais que introduzam o Marabaixo em sala de aula, através de arquivos que abordem seus aspectos culturais e históricos presentes em sua performance, incluindo no currículo do estudante, o ensino da temática de história e cultura afro-brasileira, como é regulamentado nas leis 10.639/03 e 11.645/08. As leis surgiram pela falta de presença dessa temática, não especificar ou excluir da grade curricular ocasiona na marginalização e na propagação de estereótipos negativos associados às práticas culturais e religiosas de matrizes africanas. Dessa forma, nosso intuito com a Curadoria é que seja utilizada pelos docentes, levando o conhecimento sobre a importância de estudar o Marabaixo em sala de aula. Nosso arquivo, como afirma Foucault: “A revelação, jamais acaba, jamais integralmente alcançada do arquivo” (1987, p.150), é possível de ser alterado conforme as mudanças que ocorrem em sociedade, podendo acrescentar ou retirar ideias e conceitos que, no momento, compõem a prática cultural e religiosa do Marabaixo.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SANCHEZ, Livia Pizauro. Implementação da Lei 10.639/2003 – competências, habilidades e pesquisas para a transformação social. **Pro-posições**, v. 28, p. 55–80, 2017.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DOS SANTOS GARCIA, Marilene Santana; CZESZAK, Wanderlucy. **Curadoria educacional: práticas pedagógicas para tratar (o excesso de) informação e fake news em sala de aula**. Editora Senac São Paulo, 2020.

CAMPOS, Juliano Bitencourt; PRÉVE, Daniel Ribeiro; DE SOUZA, Ismael Francisco. PATRIMÔNIO CULTURAL, DIREITO E MEIO AMBIENTE

Eduardo Bueno. Mazagão, A cidade Transplantada. YouTube, 08 de mai. 2019.

Disponível em: https://youtu.be/Jzjcn_ZuGnQ?si=vsl80rPZ-o-RFGPn

EVARISTO, Conceição. Escrevivências e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivências: experiências e reflexões**. Belém: MINA Comunicação e Arte, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber/Michel Foucault**; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 3 Ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitário, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê de registro do Marabaixo como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília: IPHAN, 2018.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Revista Letras**, 2003.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. 2. ed. Perspectiva. Belém: Maza Edições, 2021.

PEREIRA, Marcos Paulo Torres. Memórias e identidades em narrativas afro-amazônicas: resíduos, resistências e ensino de história comunitária. **Revista Letras Escreve**, v. 14, n. 1, 1º semestre, 2024.

PEREIRA, Marcos Paulo Torres. O Eu e o Outro ou “eu quero saber se meu cabelo é igual ao seu”. **Pós-colonialismo e literatura**, p. 49, 2017.

PEREIRA, Marcos Paulo Torres. Mundos indígenas e cosmologias amazônicas: história, identidades, resíduos e contracolonização. **Estação Científica**, Macapá, v.

10, n. 1 (2024): Percursos Residuais da Cultura e da Literatura: da herança à reinvenção. Publicado em 24 fev. 2025.

REIS, Marcos Vinicius de Freitas; MACIEL, Kerllyo Barbosa; PEREIRA, Marcos Paulo Torres. Ladrões de marabaixo em Macapá: identidade cultural, poder, história, memória e religiosidade na Amazônia amapaense. **Revista de Ciências da Religião: Caminhos**, v. 19, n. 1, 2021. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SOUZA, Sawana Araújo Lopes de; FREIRE, Miriam Espíndula dos Santos. A Lei nº 10.639/2003 na BNCC: incoerências e desafios. **Revista de Educação Interritórios**, v. 8, n. 17, 2022.

SOARES, Magda B. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SAMPAIO, Drieli Leide Silva; COSTA de Nazaré, July Estefanny. Ladrões de marabaixo: a escrevivência cantada na Amazônia. In: TORRES PEREIRA, Marcos Paulo; CASTRO, Valdiney Valente Lobato; CALDAS, Yurgel Pantoja (org.). **Literaturas do Norte: vozes e escritas da Amazônia**. Macapá: UNIFAP, 2022. p. 121-139.

VIDEIRA, Piedade Lino. O marabaixo do Amapá: encontro dos saberes, memórias afro-amapaenses. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**, Brasília, n. 8, nov. 2014.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques, folias e ladainhas: a cultura do quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 13/12/2010. 2010. 260f.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

ANEXO

A stylized illustration of a person from the waist up, wearing a dark blue long-sleeved shirt and a yellow and orange patterned skirt. The person's hands are resting on their lap. The background is a solid dark blue.

Entre Giras e Batuques

O Marabaixo em sala de Aula

Dayse Mara Maciel e Silva
Ruane de Cássia Alfaia Pantoja
Marcos Paulo Torres Pereira

FICHA TÉCNICA

Título

Entre Giras e Batuques: O Marabaixo em sala de aula

Organizado por

Dayse Mara Maciel e Silva
Ruane de Cássia Alfaia Pantoja
Marcos Paulo Torres Pereira

Número de Páginas

60

Categoria

Literatura

Público-alvo

Professores do Ensino Médio

Ilustrações

Naômy de Souza Castro
Crémerson Aparecido da Rosa

SUMÁRIO

- 04** Carta ao Docente
- 05** Entendendo a Prática Cultural e Religiosa do Marabaixo
- 10** Base Conceitual
- 12** Artigos Científicos
- 19** Para Assistir
- 23** Ladrões de Marabaixo
- 32** Galeria
- 40** Proposta de Atividade
- 58** Conclusão
- 59** Referências

Carta ao Docente

Caro (a) Docente,

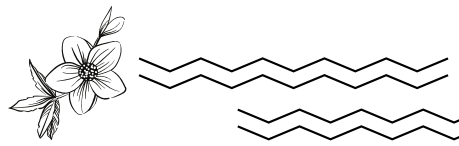
Está em suas mãos o catálogo *Giras e Batuques: o Marabaixo em Sala de Aula*, em que organizamos e selecionamos arquivos que apresentam a prática cultural do Marabaixo, como uma literatura que pode ser ensinada em sala de aula, evidenciando como uma manifestação de identidade, resistência, memória, cultura e história. Compreendemos que o ensino das práticas culturais afro-brasileiras, no caso deste arquivo, afro-amapaenses, enfrentam desafios para a inclusão efetiva na grade curricular e que a ausência de recursos pode dificultar a introdução em sala de aula. Considerando isso, produzimos esta curadoria com o intuito de lhe auxiliar na busca de informações acerca do Marabaixo e preencher essa lacuna. Organizamos uma série de documentos midiáticos, como: artigos e vídeos que abordem sobre a origem e aspectos culturais introdutórios do Marabaixo. A seleção e disponibilização desses documentos intenciona facilitar ao professor que têm interesse em trabalhar com o Marabaixo, o acesso as informações acerca dessa manifestação cultural e religiosa afro-amapaense, ampliando seu conhecimento e favorecendo a utilização destes materiais em sala de aula.

Entendendo a prática cultural e religiosa, Marabaixo



Figura 1 - Foto registrada na abertura do ciclo do Marabaixo. Fonte: arquivo pessoal, 2025

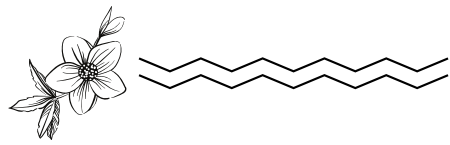
O Marabaixo é uma manifestação cultural e religiosa preservada pelas comunidades quilombolas do estado do Amapá. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sua performance é uma celebração ligada ao catolicismo popular, em que os partícipes expressam seus agradecimentos aos santos de devoção através da missa que acompanha o festejo, em que cantam os ladrões, dançam na roda de Marabaixo, realizam a percussão das caixas, o preparo das comidas e vestem as indumentárias específicas da festividade.



A performance carrega a história e tradição das ancestralidades africanas, que confluíram com os saberes de diferentes etnias, juntamente com a dos povos originários. Para Bispo (2023), a confluência é o compartilhamento dos saberes e experiências que são partilhado pelas gerações e que fortalecem os laços ancestrais, o que originou na prática cultural afro-amapaense, que é o Marabaixo.

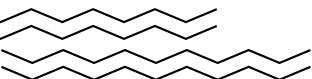


Figura 2 - Arte inspirada na indumentária do grupo marabaixeiro do Mazagão



O preparo antes e na hora da festividade carrega um significado simbólico representado pelos aspectos culturais presentes no Marabaixo, que ao ser compartilhado pelas gerações, conecta a comunidade do presente com a do passado, favorecendo o reconhecimento de suas raízes e das histórias que integraram e influenciaram na formação de sua cultura e identidade.

Figura 3 - Foto da indumentária tradicional dos grupos de Marabaixo, registrada no Museu de Artes, Culturas e Memórias Negras. Fonte: Arquivo Pessoal, 2025





Os ladrões de Marabaixo compartilham ao cantar, a história, tradições e identidade de suas comunidades, através de sua literatura oral, que evidencia as lutas e resistências experienciados em coletivo.



Figura 4 - Foto da caixa de Marabaixo, registrada no Museu de Artes, Culturas e Memórias Negras. Fonte: Arquivo Pessoal, 2025

*"Aonde tu vai rapaz
Por esses campos sozinho
Vou construir minha morada
La nos campos do Laguinho
Quando vim da minha casa
Me perguntou como passou
Rapaz eu não tenho casa
Tu me dá um armador
Destelhei a minha casa
Com a intenção de retelhar
Mas a Santa Engrácia não fica
Como a gente pode ficar?
Estava na minha casa
Conversando com a companheira
Não tenho pena da terra
Só tenho do meu coqueiro
Largo de São João
Já não tem nome de santo
Hoje é reconhecido
Por Barão do Rio Branco
A Avenida Getúlio Vargas
Tá ficando que é um primor
Essas casas foram feitas
Pra só morar os doutor
Dia primeiro de junho
Eu não respeito o senhor
Eu saio gritando viva
Para o nosso governado"
Raimundo Ladislau*



Esses aspectos histórico-culturais presentes na prática do Marabaixo, evidenciam uma riqueza de assuntos que podem ser inseridos no contexto da sala de aula do estudante amapaense. Estudar sua performance por meio do ensino da literatura, que se relacione com a arte e história, permite que o aluno tenha o contato e a oportunidade de conhecer e reconhecer como parte de sua identidade como amapaense.

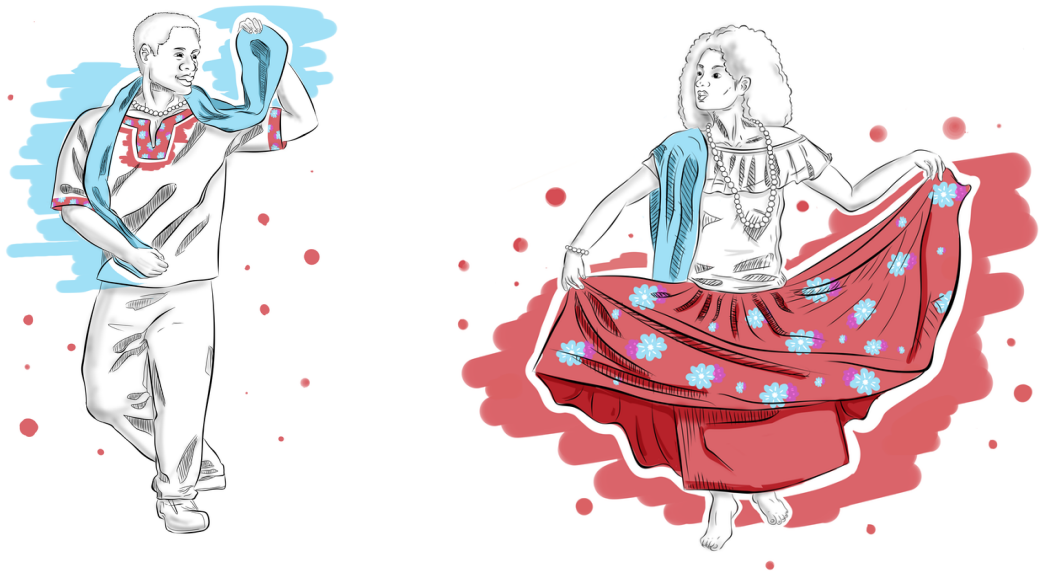


Figura 5 e 6 - Arte inspirada na indumentária do grupo marabaixeiro do Curiaú

Base Conceitual



Figura 7 - Foto registrada na abertura do ciclo do Marabaixo. Fonte: arquivo pessoal, 2025

Obstante a valorização e ensino dessa manifestação em sala de aula, se encontram adversidades que se correlacionam com a ausência do apoio dos documentos e veículos oficiais da educação;

o sentimento constante de falta de preparo dos profissionais que atuam na área pedagógica e, principalmente a complexidade na hora de reunir recursos de apoio para planos que trabalhem o Marabaixo, especificamente.





Portanto, nosso intuito é que essa curadoria se configure como um estímulo e inspiração para a elaboração de atividades e conteúdos com os materiais disponibilizados; e que contribua para a formação e aperfeiçoamento dos conhecimentos dos discentes.

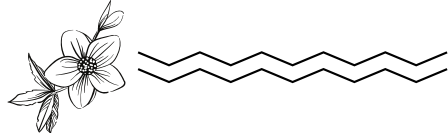
Para isso, conextualizaremos a escolha desses documentos para serem utilizados na preparação das aulas, explicando como os vídeos e artigos podem contribuir para o planejamento didático. Em seguida, aplicaremos os conteúdos em atividades pedagógicas, exemplificando na prática como essa manifestação cultural e religiosa pode ser trabalhada em sala de aula através das dimensões literárias de sua performance; assim, permitindo que o trabalho com o Marabaixo, proporcione o discente conhecer todos os aspectos culturais da manifestação mediante o ensino de sua literatura que estabelece relação com a arte e história das comunidades marabaixeiras.



Para trabalhar com o Marabaixo em sala de aula, é necessário que o docente possua a compreensão e domínio sobre o conteúdo que irá ser ensinado para os discentes. Para isso, a leitura de artigos que tratem sobre o Marabaixo, implica em um aprofundamento teórico que explique seus aspectos culturais e particularidades, que evidencie sua importância histórica-social para as comunidades.



Figura 8 - Arte inspirada na indumentária do grupo marabaixeiro do Mazagão



Entre os livros e artigos que vamos apresentar, destaca-se primeiramente, o **Dossiê de Registro do Marabaixo**, publicado em 2018 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que reconhece a manifestação cultural e religiosa como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. O documento introduz e realiza um detalhamento completo sobre a origem, história, os elementos culturais e as transformações que o Marabaixo teve ao longo dos anos. Considerando a importância da publicação deste documento, é necessário que o docente esteja ciente sobre e leia o material disponibilizado pelo IPHAN, que apresenta essa manifestação afro-amapaense e favorece a compreensão do estudo.

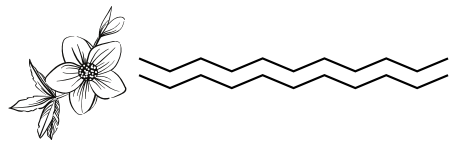
Em sala de aula ...

Esse material pode ser utilizado como apoio para o estudo do docente, visto que aborda tudo o que abrange o Marabaixo, sendo necessário para a ampliação de seus conhecimentos prévios.



link para o acesso:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARABAIXO.pdf



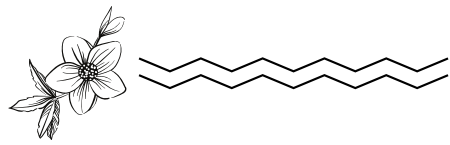
A partir desse momento, indicaremos livros e artigos, que não só introduzem o Marabaixo, mas que o relacionem a conceitos como: identidade, resistência, contracolonialismo, performance, rememoração, memória coletiva e escrevivências, ampliando as discussões acerca da importância do estudo dessa prática cultural e religiosa.

No artigo *Ladrões de Marabaixo em Macapá: Identidade Cultural, poder, história, memória e religiosidade na Amazônia Amapaense*, os autores Reis, Maciel e Pereira (2021), analisam como a performance, a religiosidade e os fatos históricos presentes nos ladrões de Marabaixo compõem a identidade do afro-amapaense. Relacionando com os conceitos de memória coletiva e resistência, o texto evidencia como a preservação de sua tradição oral pelos ladrões contribuiu para a continuidade e transmissão dos saberes de seus ancestrais que moldaram a cultura e religião dos marabaixeiros.



link para o acesso:

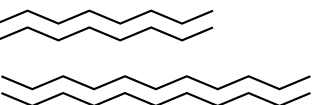
https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Ladr%C3%B5es+de+Marabaixo+em+Macap%C3%A1+Identidade+Cultural%2C+poder%2C+hist%C3%B3ria%2C+mem%C3%B3ria+e+religiosidade+na+Amaz%C3%B4nia+Amapaense&btnG=#d=gs_qabs&t=1758511061109&u=%23p%3DumCaXIwsvtUJ



A leitura aprofunda os aspectos culturais e religiosos da manifestação como instrumentos de resistência que enfrentaram a marginalização e as discriminações impostas pelas instituições políticas, sociais e religiosas de Macapá; em que os ladrões representam a crítica a essas condições por meio da vocalização, ao mesmo tempo que evidencia a voz dessas comunidades.

Em sala de aula ...

O texto pode ser utilizado ao abordar o conceito de identidade com os discentes, tendo como o apoio as análises feitas dos ladrões e da performance do Marabaixo. Apresentando para o estudante como o conceito se apresenta na manifestação cultural e religiosa, evidenciando como toda a sua performance contribui para a construção da identidade das comunidades quilombolas afro-amapaense.



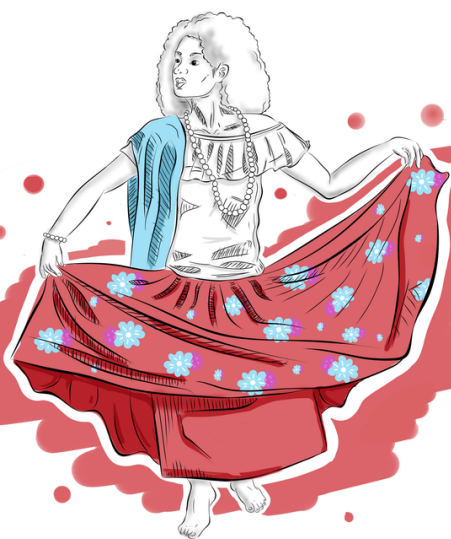
No estudo intitulado *Ladrões de Marabaixo: A Escrivivência Cantada na Amazônia*, de Sampaio e Nazaré (...), contemplam os ladrões, como transmissão dos saberes ancestrais compartilhados pelo sua tradição oral, denominando de afrosaberes, o que foi partilhado através das gerações. As autoras discorrem sobre a relação dos conceitos de memória coletiva, escrivivência e oralituras na performance e nos ladrões, em que a voz do negro reverbera os conhecimentos ancestrais, as experiências vividas e a exposição das discriminações e marginalizações sofridas por sua comunidade, tendo as narrações poéticas como esse arquivo que expressa sua própria voz e experiência. O texto realiza uma análise de dois ladrões, nos quais se evidencia essa voz e o pensamento crítico dos cantadores, ao relatarem os fatos e situações experienciados. O artigo trata além disso, a origem do Marabaixo e outros termos relevantes relacionados às discussões sobre a performance cultural e religiosa afro-amapaense.



link para o acesso:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARABAIXO.pdf

Em *Memórias e Identidade em Narrativas Afro-Amazonicas: Resíduos, Resistências e Ensino de História Comunitária* (PEREIRA, 2024), assim como indica o título, nos apresenta uma reflexão sobre a importância da preservação da cultura oral e escrita dos povos minoritários. Diz-se que, mantendo essas tradições ativas, a história dos precursores e ancestrais desses povos será contada, recontada e ensinada para os de menor idade. Utilizando o Marabaixo como objeto de estudo, comenta-se acerca dos ladrões de Marabaixo e como os versos pertencentes a essas cantigas contêm a história de pessoas de indubitável importância para as comunidades em evidência. Não só isso, como há registro de momentos também indispensáveis para compreender a manifestação como uma parte importante da história do povo amapaense. No Marabaixo e com o Marabaixo, é possível que esse conjunto de pessoas tenha voz para se expressar, cantar

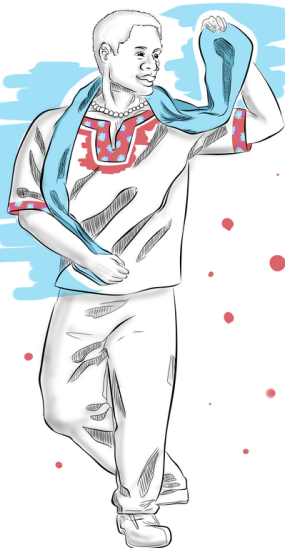


sobre histórias nunca antes contadas — ou distorcidas para que fossem marginalizados e rejeitados perante a intolerância da sociedade amapaense —, e simplesmente existir em conjunto, com experiências, crenças e vivências que se assemelham.

O propósito contido na inclusão deste artigo, é ajudar o docente neste processo de compreensão da importância de abarcar o Marabaixo na grade curricular, no planejamento, na sala de aula. Não somente objetivando a valorização da identidade cultural amapaense, mas também na intenção de ceder esse local de fala para o estudante, antes — e muitas vezes — silenciado.



https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Mem%C3%B3rias+e+Identidade+em+Narrativas+Afro-Amazonicas%3A+Res%C3%ADduos%2C+Resist%C3%A2ncias+e+Ensino+de+Hist%C3%B3ria+Comunit%C3%A1ria&btnG=#d=gs_qabs&t=1758510102477&u=%23p%3DjoReJyu2yIEJ



Para assistir



O vídeo #1 Conheça um pouco sobre a origem do Marabaixo do canal Açucena Portal Cultural, traz partícipes de comunidades Marabaixeiras para contar seus pontos de vista acerca da origem do Marabaixo e apresentar versões — que pouco se diferem — de como a manifestação, considerada hoje patrimônio imaterial do estado, chegou em terras amapaenses.



<https://youtu.be/iEg1FvoTA-o?si=j-rkutROvE1LNvDh>

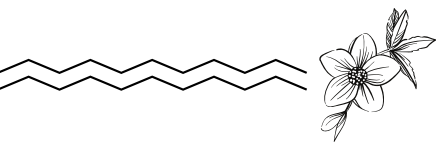




O vídeo #10 Marabaixo do Laguinho e da Favela, conta com a participação de Valdinete Costa e Daniella Ramos compartilhando brevemente um pedaço da história das famílias tradicionais que ocupavam o centro da cidade e que, com o processo de higienização urbana, tiveram que se deslocar, conseqüentemente, dividindo-se entre Laguinho e Favela.



https://youtu.be/qQHFdIGy_P8?si=rvtkgSECZbAFSVoW





O vídeo Marabaixo, publicado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) reúne partícipes das comunidades marabaxeiras para compartilhar suas experiências, ancestralidade, e falar do significado do Marabaixo para as comunidades que seguem o preservando e mantendo viva sua cultura até hoje.

Em conjunto, essas figuras também discorrem a respeito das tradições transmitidas de geração em geração, as famílias, a cultura dos festejos e dos ladrões, o processo de identificação, o sentimento de pertencimento, a participação juvenil e, acima de tudo, o ato de lembrar, reviver, e visitar, com ajuda do Marabaixo.



https://youtu.be/ba4K9uNMO90?si=g1GNFnmrL_RIbEgu



Já no vídeo Dança do Marabaixo, do projeto “Percurso da Tradição” do Sesc São Paulo, adentramos no caráter religioso do Marabaixo, discutindo não somente a relação de fé dos marabaxeiros com os santos, orixás e suas doutrinas, como também o compartilhamento de tradições e saberes dentro da comunidade, objetivando manter vivos os costumes que foram passados de mãe para filha, de avó para neta e assim por diante.



<https://youtu.be/WmudoXEqN4s?si=khMxWZM4hUiwWZbd>



Ladrões de Marabaixo

Marrocos

Vinhemos lá de Marrocos
Para uma vila habitar
Revivendo nossa história num cantinho do Amapá
Sopra o vento africana
o navio sai pro outro lado
Em seus porões desumanos
vêm nosso antepassados
Saímos lá da mãe África
Com destino a Belém
Deixando nossas famílias e nossos amigos também
Sofrendo muitos maltrato
E todo tipo de agravo
Desembarcam em Mazagão com condição de escravo
Negro valente guerreiro
Ao chegar neste lugar
Arregaçam as mangas e se puseram a trabalhar
Terra abençoada em terra
Tudo que se planta dá
Com milho, arroz e feijão
Abasteceram o meu Pará
Mesmo longe da mãe África
Humilhado e sem amor
o Negro trocou sua casa
E sua história contou
Fui escravo e sou liberto
Vou pra cima e vou pra baixa pra comemorar
Hoje canto Marabaixo





Aonde tu vais, rapaz

Aonde tu vai rapaz
Por esses campos sozinho
Vou construir minha morada
La nos campos do Laguinho
Quando vim da minha casa
Me perguntou como passou
Rapaz eu não tenho casa
Tu me dá um armador
Destelhei a minha casa
Com a intenção de retelhar
Mas a Santa Engrácia não fica
Como a gente pode ficar?
Estava na minha casa
Conversando com a companheira
Não tenho pena da terra
Só tenho do meu coqueiro
Largo de São João
Já não tem nome de santo
Hoje é reconhecido
Por Barão do Rio Branco
A Avenida Getúlio Vargas
Tá ficando que é um primor
Essas casas foram feitas
Pra só morar os doutor
Dia primeiro de junho
Eu não respeito o senhor
Eu saio gritando viva
Para o nosso governado



Raimundo Ladislau



No Marabaixo É Assim

No Marabaixo é assim
Cada canto tem sua história
Cada quilombo tem seu jeito
E cada preto tem sua prosa
No Marabaixo é assim
Cada canto tem sua história
Cada quilombo tem seu jeito
E cada preto tem sua prosa
Se você se espantou
Se quer se expressar
No igarapé do lago
É só soltar um guá
No Marabaixo é assim
Cada canto tem sua história
Cada quilombo tem seu jeito
E cada preto tem sua prosa
Fez besteira no laguinho
Pega o beco meu irmão
Quando eles te encontrarem
Vão te chamar de lambão (Seu lambão)
No Marabaixo é assim
Cada canto tem sua história
Cada quilombo tem seu jeito
E cada preto tem sua prosa
Marabaixo da favela
Cada canto tem sua história
Cada quilombo tem seu jeito
E cada preto tem sua prosa
Marabaixo da favela
Se és fraco nem se acheque
O recado é logo dado
Quem não aguenta bebe leite

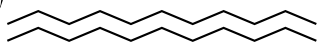
No Marabaixo é assim
Cada canto tem sua história
Cada quilombo tem seu jeito
E cada preto tem sua prosa
No batuque do curiaú
A pretaiada sempre arrasa
Se a Baco estiver cantando
Sempre grita ê lá em casa
No Marabaixo é assim
Cada canto tem sua história
Cada quilombo tem seu jeito
E cada preto tem sua prosa
E agora no Marabaixo
Inventaram uma nova moda
Estão dando aos cantores
Seus respectivos sócias
No Marabaixo é assim
Cada canto tem sua história
Cada quilombo tem seu jeito
E cada preto tem sua prosa
O Alan é o Djavan
A Elisa é a Vanderleia
Valdinete é a Marrom
E esse é o povo da favela





No Marabaixo é assim
Cada canto tem sua história
Cada quilombo tem seu jeito
E cada preto tem sua prosa
E o povo do laguinho
Eles não ficam por baixo
Fábio é Zeca Pagodinho
E o Alexandre Roberto Carlos
No Marabaixo é assim
Cada canto tem sua história
Cada quilombo tem seu jeito
E cada preto tem sua prosa
Fui para o Maruanum
Eita gente que festeja
E que dica marciana
Pegue logo uma cerveja
No Marabaixo é assim
Cada canto tem sua história
Cada quilombo tem seu jeito
E cada preto tem sua prosa
A festa de São José
É feita com muita luta
A mestra do Marabaixo
É Naíra que grita Uita
No Marabaixo é assim (2x)
Cada canto tem sua história
Cada quilombo tem seu jeito
E cada preto tem sua prosa

Grupo Guá

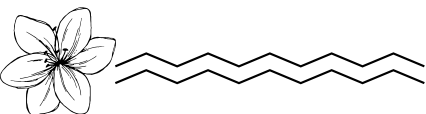


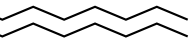


Senhora Minha Vizinha

Senhora minha vizinha
Vamo apanhar camarão
Caranguejo vai no leme
Sará no varejão
Caranguejo não é peixe
Caranguejo peixe é
Tá na porta do buraco
Esperando a maré
Você me mandou cantar
Pensando que eu não sabia
Mas eu sou como a cigarra
Quando não canta, assobia
Quem quiser cantar comigo
Lave a boca com sabão
Se não tiver bem lavada
Comigo não canta não
A folha da malva-rosa
Denoite mete temor
No meio das invejosas
Ninguém pode ter amor
Vou-me embora, vou-me embora
Na busca de São Mateus
Com uma mão suspendo a vela
E com a outra eu dou adeus

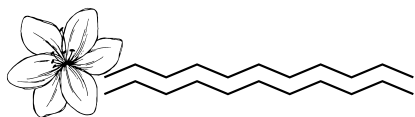
Domínio Público

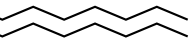




Ladrão de Marabaixo

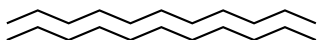
Quando a maré abaixar
Vou cantar marabaixo pra gente dançar
Quando a maré abaixar
Vou cantar marabaixo pra gente dançar
Gengibirra pra beber
A caixa para tocar
Gengibirra pra beber
A caixa para tocar
Quando a maré abaixar
Vou cantar marabaixo pra gente dançar
Quando a maré abaixar
Vou cantar marabaixo pra gente dançar
Aonde tu vai rapaz
Nesse caminho sozinho
Aonde tu vai rapaz
Nesse caminho sozinho
Quando a maré abaixar
Vou cantar marabaixo pra gente dançar
Ora vem pra cá ioio
Ora vem pra cá iaia
Quando a maré abaixar
Vou cantar marabaixo pra gente dançar
Quando a maré abaixar
Vou cantar marabaixo pra gente dançar
Rosa branca açucena





Quem foi que te serenou
Rosa branca açucena Quem foi que te serenou
Quando a maré abaixar
Vou cantar marabaixo pra gente dançar
Quando a maré abaixar
Vou cantar marabaixo pra gente dançar
Quem tem roupa vai à missa
Quem não tem faz como eu
Quando a maré abaixar
Vou cantar marabaixo pra gente dançar
Quando a maré abaixar
Vou cantar marabaixo pra gente dançar
Olha o galo já cantou
É hora de acordar
Olha o galo já cantou
É hora de acordar
Quando a maré abaixar
Vou cantar marabaixo pra gente dançar
Quando a maré abaixar
Vou cantar marabaixo pra gente dançar
Quem não me conhece chora
Quem dirá quem me namora
Quando a maré abaixar
Vou cantar marabaixo pra gente dançar
Quando a maré abaixar
Vou cantar marabaixo pra gente dançar
Quando a maré abaixar
Vou cantar marabaixo pra gente dançar
Marabaixo pra gente dançar (5x)

Gilvan Galvão





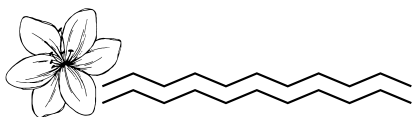
As quatro da Madrugada

Às quatro da madrugada
Quando Deus se alevantou
Botando os olhos ao mundo
Foi quem nos abençoou
A cidade de Macapá
Tá muito além de Mazagão
Temos uma capela benta
E um trapiche em condição
Prefeitura de Macapá
Faz frente para a baía
Olhando para o trapiche
Com grande calanteria
Ituí peixe de espinha
No curiaú é comer de cão
Na terra de Macapá
É comida de cristão
As moças de Macapá
Entre pretas e mulatas
Batam palmas e dão vivas



Ao nosso Major Barata
O foguete que vai pra cima
Só estora na penura
Viva o Major Levy
E o nosso amigo Ventura
Agora eu vou dar um viva
Na folha do açaí
Pela porta que eu entrei
Por ela eu torno sair
Agora eu vou dar um viva
Por cima da independência
Quem tirou esse ladrão
Foi Manoel da Paciência

Domínio Público

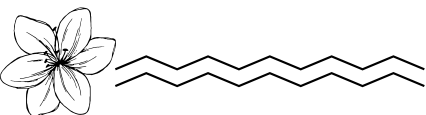




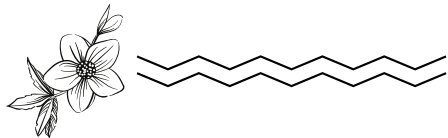
Eu não sei ler nem escrever

Eu não sei ler nem escrever
Nem também tocar viola
Eu desejo aprender,
Menina, lá na vossa escola
Limoeiro, baixa o galho
Que eu quero apanhar um limão
Quero tirar uma mancha
Que tem no meu coração
A folha da malva rosa
De noite mete temor
No meio das invejosas
Ninguém pode ter amor
Mandei fazer um relógio
Da casca do caranguejo
Pra conferir os minutos
E as horas que eu não te vejo
Se eu soubesse que tu vinhas
Fazia um dia maior
Dava um nó na fita verde
Prendia o raio do sol
Tenho uma dor no meu peito
E outra no meu coração
Quanta saudade sinto
Da minha grande paixão

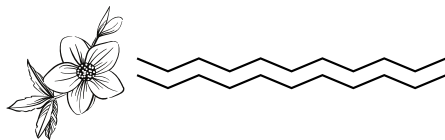
Domínio Público



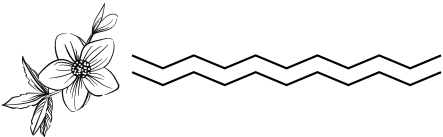
Galeria



Galeria

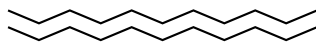


Galeria

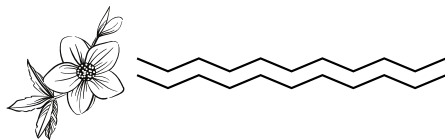


2025.4.12

Galeria



Galeria



PREFEITURA
DE MACAPÁ

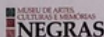
Tia Zefa

Josefa Lina da Silva, conhecida como Tia Zefa, nasceu em Macapá em 26 de fevereiro de 1916. Foi dançadeira e cantadeira de Marabá e Batuque, sendo uma das últimas remanescentes dessas tradições e incentivando novas gerações a preservarem a cultura amapaense, hoje Patrimônio Imaterial da Humanidade.

Filha de Joana Lina Barbosa e Pedro Lopes de Araújo, ficou órfã de mãe aos 10 anos. Trabalhou como lavadeira e na zona rural, criando com dificuldade seus oito filhos e também filhos adotivos, netos, bisnetos e alguns tataranetos, transmitindo saberes sobre plantas medicinais e tradições culturais.

Uma de suas características muito fortes foi sua religiosidade e sua devoção a Santa Maria, a qual foi uma das criadoras da Festividade em Honra a Santa, que acontece na Comunidade do Curiaie Fora, desde 1926, Santa Efigênia, cuja imagem herdou de sua avó materna Eufinázia e sua festividade é comemorada dia 21 de setembro e São Joaquim, padroeiro da Comunidade do Curiaú.

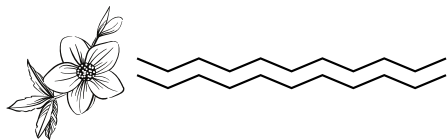
Faleceu em 23 de julho de 2024, aos 108 anos, lúcida e serena, deixando um legado de fé, cultura e amor à família.



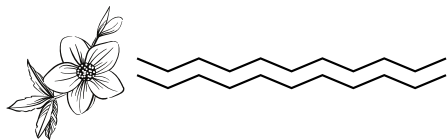
MUSEU DE ARTES,
CULTURA E MEMÓRIAS
NEGRAS



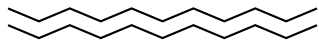
Galeria



Galeria



Galeria



PROPOSTA DE ATIVIDADE 1

Objetivo:

Introduzir ao estudante os Ladrões de Marabaixo, através da Música “Marrocos” de Josué da Conceição e Manoel Duarte, apresentando suas narrativas poéticas de caráter identitário e de resistência, em que o marabaixeiro compartilha por sua memória coletiva sua história, cultura e tradição.

Competências BNCC

Competência 3: Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

EM13LP52: Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outras países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latina-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura de composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) o modo como dialogam com o presente.

Para o professor: Utilize do artigo “Ladrões de Marabaixo: a escrevivência cantada na Amazônia” de Drieli Sampaio e July Nazaré e do Dossiê do Marabaixo elaborado pelo IPHAN (2018), para elaboração de seu plano de aula, analisando sobre que deve trabalhar com os seus estudantes, quais os conceitos que deve se aprofundar mais, para que eles compreendam como tais elementos se apresentam nas narrações.

Pré-leitura

Apresentar o vídeo “#1 Conheça um pouco sobre a origem do Marabaixo” e realizar uma roda de conversa com os alunos com as seguintes questões:

- 1- Para a comunidade, em que momento se originou o Marabaixo?
- 2- Quais elementos presentes no Marabaixo hoje, foram trazidos com a chegada dos povos africanos em condição de escravidão?

Para o professor: Neste momento de discussão, engaje seus estudantes ativando os conhecimentos prévios, reforçando que o Marabaixo é uma manifestação cultural e religiosa do estado do Amapá que é manifestada pela dança, bater das caixas (bater o tambor) e cantos.

Leitura

Ativado os conhecimentos prévios pela roda de conversa, apresente a letra da música “Marrocos” de Josué da Conceição e Manoel Duarte, realizando a leitura em conjunto com os estudantes, destaque as palavras “Revivendo nossa história” “mãe África” e “sua história contou”. Escreva as palavras no quadro branco e comece com a pergunta “O que vocês entendem a partir dessas frases?”, crie um espaço de diálogo com os estudantes para poder contextualizar como esses trechos contam a história da chegada dos povos africanos no Brasil, destacando as possíveis origens do Marabaixo, o que são os ladrões, os elementos que estão presentes na performance, a religiosidade e em como, a manifestação expressa as vivências do povo negro. Além de trazer como o ladrão exalta a ancestralidade Africana.

Para professor: Utilize os exemplos no artigo de Sampaio e Nazaré para explicar o conceito de escrevivências e a importância do protagonismo preto na literatura.

Continuação...

Ao finalizar a explicação, passe a atividade:

Por que “mãe África” é utilizada na cantiga para se referir às origens na manifestação?

De acordo com o ladrão e o vídeo apresentado, quais eventos históricos do estado do Amapá envolveram diretamente as comunidades marabaixeras?

Como essa parte do ladrão: “Mesmo longe da mãe África/Humilhado e sem amor/o Negro trocou sua casa/E sua história contou/Fui escravo e sou liberto/Vou pra cima e vou pra baixa pra comemorar/Hoje canto Marabaixo” evidencia a resistência das comunidades marabaixeras?

Como o trecho: “Fui escravo e sou liberto Vou pra cima e vou pra baixo pra comemorar” dialoga com o conteúdo do vídeo? Discorra, construindo uma relação entre os dois materiais e os conectando.

A atividade precisa ser corrigida para verificar se os alunos estão compreendendo o conteúdo. Fica a seu critério e da sua didática decidir como realizar essa correção.

Pós-Leitura

Finalize a sequência passando uma pesquisa para os alunos aprofundarem a reflexão sobre a manifestação cultural e religiosa do Marabaixo, propondo que pesquisem sobre como o colonialismo afetou a formação dessas comunidades, relacionando com os elementos estudados no vídeo e na letra da música.

PROPOSTA DE ATIVIDADE 2

Objetivo:

Objetivo: introduzir o Marabaixo através do vídeo “Marabaixo” do IPHAN e do ladrão “Ladrão de Marabaixo” de Gilvan, caracterizando a manifestação como uma expressão cultural e histórica do Amapá, reconhecendo, desta forma, seus elementos, importância histórica e identitária para as comunidades.

Competências BNCC

Competência 3: Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

EM13LP52: Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outras países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latina-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura de composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) o modo como dialogam com o presente.

Pré-Leitura

Apresente o vídeo “Marabaixo” produzido pelo IPHAN, peça que os alunos façam anotações sobre as partes que mais chamaram a atenção e logo após, faça as seguintes reflexões:

O que mais chamou sua atenção nos relatos dos partícipes da prática do Marabaixo?

De que maneira o vídeo mostra a importância da ancestralidade na preservação do Marabaixo?

Como as famílias transmitem as tradições do Marabaixo de geração para geração?

Qual o papel dos jovens na continuidade dessa manifestação cultural?

Leitura

Leitura: Após a exibição do vídeo, apresente a letra da música "Ladrão de Marabaixo" de Silvan Galvão, em seguida, faça a reprodução da música para que os alunos possam ouvi-la e conduza uma discussão sobre a composição da canção, analisando como a narração remete aos aspectos da performance. Destaque as partes que repetem “Quando a maré abaixar vou cantar marabaixo pra gente dançar”, relacionando à origem da manifestação, ao uso da “caixa para tocar” e a instrumentalização da performance. Nesse momento, explique aos estudantes que cantigas e narrativas poéticas populares, como o Marabaixo, fazem parte de uma tradição oral marcada por musicalidade e ritmo, que preservam histórias e identidades culturais. Ressalte que essas formas de expressão unem arte, história, memória e coletividade, e que, especificamente no Marabaixo, cumpre a função de transmitir saberes, compartilhar os registros da comunidade e fortalece laços ancestrais.

Continuação...

Após esse diálogo, explique para os estudantes que o Marabaixo é uma manifestação cultural e religiosa do estado do Amapá, destaque seus elementos e contextos históricos, e apresente o conceito dos ladrões de Marabaixo e seu caráter identitário e de resistência, enfatizando como eles expressam histórias, tradições e saberes da comunidade, preservando e compartilhando a memória coletiva dos marabaixeiros.

Para o professor: utilize o artigo “Ladrões de marabaixo em Macapá: identidade cultural, poder, história, memória e religiosidade na Amazônia amapaense” de Reis, Maciel e Pereira (2024) para estudar os conceitos e análises dos ladrões.

Para finalizar, faça a seguinte atividade com os estudantes:

- Os ladrões de Marabaixo transmitem a memória da comunidade através dos fatos compartilhados pela narração poética. De que maneira o ladrão “Ladrão de Marabaixo” traz esses fatos? Aponte os versos.
- De que forma o ladrão compartilha a memória da comunidade pela sua tradição oral e repetição dos versos?
- Com toda a explicação dos vídeos e do ladrão em sala, opine sobre como os ladrões de Marabaixo podem ser relacionados como uma literatura que ultrapassa o “folclórico” e revela um pensamento crítico e político de uma comunidade que resistiu ao colonialismo?

Pós-leitura

Agora é o momento em que os alunos irão relacionar o conteúdo do vídeo com o ladrão "Ladrão de Marabaixo". Divida a turma com, no máximo, 4 integrantes por grupos e distribua questões relacionadas aos dois textos, como exemplificado abaixo:

— Como o vídeo e a letra refletem a vida cotidiana e a religiosidade da comunidade marabaixeira?

— Como a caixa e a dança se apresentam como simbologia e parte da performance do Marabaixo?

— Assistindo ao vídeo Marabaixo do IPHAN e escutando a letra do ladrão "Ladrão de Marabaixo", como podemos perceber que essa manifestação cultural foi construída em um contexto de colonização e, ao mesmo tempo, se tornou uma forma de resistência e preservação da memória afrodescendente no Amapá?

PROPOSTA DE ATIVIDADE 3

Objetivo:

Esse conjunto de atividades pretende levar o discente a compreender o Marabaixo como um conjunto cultural e não apenas uma arte focada na dança. Discutindo acerca do regionalismo linguístico, comunidades marabaixeras, religiosidade, herança, tradição, costumes, coletividade e principalmente resistência.

Competências BNCC

Competência 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

EM13LP52: Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outras países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latina-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura de composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) o modo como dialogam com o presente.

Pré-leitura

Nesse momento de pré-leitura recomendamos que você leve impresso a transcrição do Ladrão que disponibilizamos há algumas páginas. Você também precisará de um recurso eletrônico (caixinha de som, data-show, etc), além da própria lousa. Tendo organizado seus materiais, você explicará para os discentes que uma canção popular nas rodas de Marabaixo será tocada e que você precisa que eles escutem atentamente, acompanhando através da folha impressa que, a essa altura, você já terá distribuído. Peça que, conforme a música toca, eles grifem ou sublinhem palavras e expressões as quais eles não reconhecem o significado. Ao final, debata com os alunos e anote na lousa as palavras que mais geraram dúvidas. Conte a eles suas definições e aproveite para pincelar a questão da regionalidade dessas expressões. Ressaltando ainda mais a influência cultural nos Ladrões.

Leitura

Nessa segunda etapa, ainda utilizando de um recurso eletrônico, exiba o vídeo "Dança do Marabaixo" do projeto Percursos da Tradição, organizado pelo Sesc São Paulo. Nesses 6 minutos, os alunos poderão acompanhar uma comunidade (Maruanum), percebendo seus costumes, religiosidade e compromisso para com a ideia de manter o Marabaixo vivo. O vídeo também trabalha brevemente o contexto histórico do Marabaixo e ressalta a importância de reconhecê-lo como parte do conjunto de riquezas que torna o Amapá tão particular. Conclua esse segundo momento sondando as reações dos discentes de maneira descontraída. Busque perguntar se eles sabiam que o Marabaixo representava mais que somente a dança e o que lhes chamou mais atenção no vídeo reproduzido.

Pós-leitura

Considerando tudo o que foi debatido e absorvido até então, finalmente chegou o momento em que os alunos começarão a trabalhar com essas informações. Peça que, individualmente, eles produzam um texto comparativo, discorrendo sobre as semelhanças encontradas entre o Ladrão do Grupo Guá e o vídeo Dança do Marabaixo. Oriente-os a se expressarem em um texto com, no mínimo, 10 linhas e, no máximo, uma lauda. Ressalte a importância de retirarem fragmentos da transcrição fornecida impressa no início da aula, utilizando-os como exemplo ao comparar os dois materiais trabalhados.

PROPOSTA DE ATIVIDADE 4

Objetivo:

Essa atividade tem como objetivo a apresentação do Marabaixo como herança cultural amapaense através da obra "Marabaixo, Dança Afrodescendente: Significando a Identidade Étnica do Negro Amapaense" de Piedade Lino Videira. Buscamos, na execução dela, sondar os conhecimentos já contidos dos discentes e situá-los para posteriores atividades, onde nos aprofundaremos nos conceitos históricos, sociais e identitários dessa manifestação afrodescendente.

Competências BNCC

Competência 4: Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como respeitando as variedades linguísticas e agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

EM13LP52: Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outras países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latina-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura de composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) o modo como dialogam com o presente.

Pré leitura

Neste momento de pré-leitura indicamos que você, professor, apresente por meio de um slide, cartaz ou papel A4, imagens ilustrativas da roda de Marabaixo. O intuito é que o aluno reconheça essa prática cultural e ative seus conhecimentos prévios. Durante essa atividade é importante que seja feita as seguintes perguntas:

- a) O que vocês acham que está sendo celebrado nas imagens?
- b) Quais elementos culturais estão presentes?
- c) Alguém já ouviu falar ou participou de uma roda de Marabaixo?
- d) Por que vocês acham que o Marabaixo é uma prática importante para a nossa cultura?

Por meio dessas perguntas, você professor, estará criando um ambiente interativo, em que os alunos poderão compartilhar suas percepções acerca do assunto estudado. Essa introdução ajudará os alunos a se familiarizarem com a temática, despertando seu interesse e curiosidade para o aprofundamento do conteúdo.

Leitura dirigida

Passada a primeira etapa, esse é o ponto onde calha a leitura do tópico "Descrição da Dança do Marabaixo" da obra de Piedade Lino Videira. Aqui, recomendamos que o professor envolva os alunos na leitura, pedindo que eles o ajudem lendo em voz alta, ao longo da leitura da página 98 até a página 102. É importante, que entre um parágrafo e outro o docente intervenha, questionando se os alunos estão compreendendo o que está sendo apresentado, até mesmo estimulando-os a expressarem suas dúvidas acerca de um trecho ou outro.

Para concluir essa fase, o professor poderá ler juntos do aluno ou tocar — com ajuda de um aparelho de som, ou outro recurso — o ladrão "Aonde Tu Vai Rapaz" com o intuito de mostrar na prática, um pequeno fragmento da composição do Marabaixo.

Pós leitura

Por último, a fim de finalizar a leitura dirigida, o professor dividirá a turma em pequenos grupos, de no máximo 5 a 7 integrantes. Para cada grupo o professor direcionará um tema de discussão relacionado ao capítulo de "Marabaixo, Dança Afrodescendente: Significando a Identidade Étnica do Negro Amapaense" ou ao ladrão "Aonde Tu Vai Rapaz" de Raimundo Ladislau.

As perguntas podem ser sobre:

Racismo e exclusão social.

Identidade cultural e resistência.

A importância da preservação e da transferência de conhecimentos acerca da herança do Marabaixo no estado do Amapá.

A ideia é que eles discutam entre si acerca do tema e respondam a pergunta em conjunto. Após isso, formar uma roda de conversa a qual os alunos irão compartilhar as suas respostas.

CONCLUSÃO

Através de sites, fóruns e dicionários online, o Marabaixo pode ser definido simplesmente como uma manifestação cultural de origem africana. Porém, para as comunidades que vivem o Marabaixo todos os dias, a prática não pode ser definida de maneira tão simples, uma vez que, o Marabaixo pode ser voz, expressão, história, cultura, herança, tradição, memória, identidade, resistência, religiosidade, musicalidade, política, e muitos outros arquivos ulteriores. Quando tomamos a decisão de desenvolver este material de Curadoria, queríamos ser capazes de incentivar uma educação inclusiva, que se preocupasse em explorar manifestações como a do Marabaixo, de forma que induzisse o estudante a compreendê-las e enxergá-las como um conjunto de elementos, uma prática heteroglóssica. Esperamos que esse material possa ser um suporte educacional para você, professor e que esta curadoria possa ajudá-lo a fomentar um ambiente seguro para vozes silenciadas, utilizando do ensino para reduzir os impactos da constante marginalização de comunidades quilombolas.



REFERÊNCIAS

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê de registro do Marabaixo como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília: IPHAN, 2018.

PEREIRA, Marcos Paulo Torres. Memórias e identidades em narrativas afro-amazônicas: resíduos, resistências e ensino de história comunitária. **Revista Letras Escreve**, v. 14, n. 1, 1^o semestre, 2024.

REIS, Marcos Vinicius de Freitas; MACIEL, Kerllyo Barbosa; PEREIRA, Marcos Paulo Torres. Ladrões de marabaixo em Macapá: identidade cultural, poder, história, memória e religiosidade na Amazônia amapaense. **Revista de Ciências da Religião: Caminhos**, v. 19, n. 1, 2021. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

AÇUCENA PORTAL CULTURA. #1 Conheça um pouco sobre a origem do Marabaixo. Disponível em: <https://youtu.be/iEg1FvoTA-o?si=j-rkutROvE1LNvDh>

AÇUCENA PORTAL CULTURA. #10 Marabaixo do Laguinho e da Favela. Disponível em: https://youtu.be/qQHFdIGy_P8?si=rvtkgSECZbAFSVoW

IPHAN. Marabaixo. Disponível em: https://youtu.be/ba4K9uNMO9o?si=g1GNFnmrL_RIbEgu

SESC SÃO PAULO. Curso da Tradição. Disponível em: <https://youtu.be/WmudoXEqN4s?si=khMxWZM4hUiwWZbd>

CONCEIÇÃO, Josué da. DUARTE, Manoel. Marrocos. In: SAMPAIO, Drieli Leide Silva. Nazaré, July Estefany Costa de. **Ladrões de Marabaixo: A escrevivência Cantada na Amazônia**, 2022

LADISLAU, Raimundo. Aonde tu vais, rapaz. In: em narrativas afro-amazônicas: resíduos, resistências e ensino de história comunitária. **Revista Letras Escreve**, v. 14, n. 1, 1^o semestre, 2024.

GALVÃO. Silvan. Ladrão de Marabaixo. Tambores que Cantam, 2016. Disponível em: https://open.spotify.com/track/2EyPcSZlpN01k3oj1bMDah?si=mg1Awu7HSxukCe_wwN8CEg

GRUPO GUÁ. No Marabaixo É Assim. Single, 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/2dYmOC0ou1jh8UGmCqsqz2?si=pb6mJvy1SUSxyyLXHGXacw>

SAMPAIO, Drieli Leide Silva; COSTA de Nazaré, July Estefanny. Ladrões de marabaixo: a escrivência cantada na Amazônia. In: TORRES PEREIRA, Marcos Paulo; CASTRO, Valdiney Valente Lobato; CALDAS, Yurgel Pantoja (org.). Literaturas do Norte: vozes e escritas da Amazônia. Macapá: UNIFAP, 2022. p. 121-139.